Paz em Movimento

Trajetória do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos *em escolas municipais do Rio de Janeiro*

JOVENS E SEU POTENCIAL CRIATIVO
NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

Paz em movimento – Trajetória do projeto *Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos* em escolas municipais do Rio de Janeiro

COORDENAÇÃO E EXECUÇÃO EDITORIAL
CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular

Diretor Executivo: Claudius Ceccon

Diretora Administrativa: Dinah Frotté

Coordenadora de Projetos: Claudia Ceccon

Organização: Flavia Fassi Samel

Colaboradores: Claudia Ceccon, Flavia Fassi Samel, Ladisséa Silva, Maria Mostafa, Monica Mumme, Patricia Munçone, Rafaela Pacola, Simone Petitet e Soraia Melo

Supervisão Editorial: Lorenzo Aldé

Projeto Gráfico: Claudius Ceccon e Silvia Fittipaldi

Ilustração: Claudius Ceccon

Foto 4ª capa: Leo Holanda

Design Gráfico: Lucas Moraes

CECIP
Centro de Criação de Imagem Popular
Largo São Francisco de Paula, 34/4° andar
20051-340 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel (55 21) 2509-3812
Fax (55 21) 2252-8604
www.cecip.org.br

Esta publicação foi produzida no âmbito do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos*, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, com patrocínio do Programa Desenvolvimento & Cidadania da Petrobras.*

REALIZAÇÃO

APOIO

PATROCÍNIO

Paz em Movimento

Trajetória do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos *em escolas municipais do Rio de Janeiro*

Agradecimentos

Agradecemos a uma grande rede de pessoas e instituições envolvidas na criação desta publicação.

Ao patrocínio da Petrobras e sua representante Luciane Pires, à Secretaria Municipal de Educação, às Coordenadorias Regionais de Educação e à Unesco, que nos acompanharam nesta jornada.

Aos alunos, educadores e gestores das escolas que se entregaram ao projeto de corpo e alma — com quem aprendemos muito, e cuja colaboração foi fundamental para refletir sobre a experiência.

A Kay Pranis, principal referência para nosso aprendizado em Processos Circulares.

Aos nossos paulistas, o Juiz de Direito da 1ª Vara Especial da Infância e Juventude de São Paulo, Egberto de Almeida Penido e a facilitadora Loide M. Barreros por compartilharem conosco os seus aprendizados.

Ao nosso amigo Bruno Ganem, que fez parte da equipe por um ano e de alguma maneira continua muito presente.

Ao pessoal das oficinas de vídeo, que nos ajudou na intensa produção nas escolas: Paula C. S. Barbosa, Bárbara Morais, Daniela V. Bagdadi, Luiz Lima, Mariana B. Mayrink e Luciana Nabuco.

À intrépida entrevistadora Elisa Brazil!

Aos londrinos brasileiros da avaliação, Gabrielle Palermo e Eduardo Ribeiro.

E ao time do CECIP pelo bom humor e espírito de equipe: Marcelo Avance, Flavio Ceccon, Shirley Martins, Dinah Frotté, Claudio Vinicius da S. Santos, Sirlene da Silva Alves, Roberta Filgueiras e Elcimar de Oliveira.

A gratidão será sempre maior do que todos os nomes citados.
Até a próxima!

Paz em Movimento

Trajetória do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos *em escolas municipais do Rio de Janeiro*

INTRODUÇÃO
11
APRESENTAÇÃO
15
PROJETO EM RESUMO
67
AVALIAÇÃO
85
DEPOIMENTOS
101
NOVAS PERGUNTAS
SUAS PRÓPRIAS PERGUNTAS/REFLEXÕES
REFLEXÕES
29
CRIAÇÃO DOS NÚCLEOS
33
OFICINAS DE FORMAÇÃO
45
CÍRCULOS
57
MOBILIZAÇÃO
NÚCLEOS DE PAZ
JUSTIÇA RESTAURATIVA NO BRASIL
107
CONSTRUÇÃO DA METODOLOGIA
121
BIBLIOGRAFIA
111
PARA SABER MAIS
Mapa do Tesouro

Parte 1

Introdução

Parte 1

É possível fazer diferente

Luiz Eduardo Soares*

* Professor da UERJ, escritor, ex-secretário Nacional de Segurança Pública.

Acompanho com grande interesse o trabalho que o CECIP realiza desde sua fundação, há mais de um quarto de século. Antes mesmo da promulgação da Constituição cidadã, em 1988, que consagrou o Estado democrático de direito, lideranças da sociedade civil nas mais diversas áreas mobilizavam-se para antecipar, na substância, o que as novas formas legais instituiriam. Algumas foram capazes de perceber o lugar estratégico das linguagens audiovisuais e logo identificaram seu poder educativo e transformador. Muito antes da internet, as antenas dos militantes da cidadania mais sensíveis apontavam para a necessidade urgente de reinventar meios e modos de comunicação em um país que se transformava rapidamente, por mares de história nunca dantes navegados. Uma nação profundamente desigual e injusta, marcada por pobreza, modalidades de discriminação as mais diversas, e por índices de analfabetismo alarmantes. Sobretudo, marcada por um déficit dramático de cultura cívica e compromissos cidadãos. Ante o eclipse da ditadura, horizontes abriam-se, era preciso navegar. O Centro de Criação de Imagem Popular integrou-se aos esforços pioneiros na construção coletiva de régua & compasso, mapas para novos tempos e bússolas para enfrentar desafios refratários a soluções prescritas por velhas doutrinas e ideologias, cuja data de validade já havia expirado.

Claudius Ceccon, Eduardo Coutinho, José Renato Monteiro, Breno Kuperman, Claudia Protasio, Monica Mumme e os demais membros da equipe do CECIP são parceiros de longa travessia, que sigo com estima e admiração à distância. Nesses 26 anos, o CECIP tornou-se protagonista significativo da sociedade civil, contribuindo sobretudo no campo educativo, sempre mobilizando linguagens criativas e focalizando ângulos inauditos. A previsão que justificara sua origem seria confirmada

pelas décadas subsequentes. E assim como seus criadores perceberam a posição estratégica do audiovisual e a relevância da experimentação nas artes da narrativa, do registro, da sensibilização cidadã e da educação, o CECIP entendeu, ao longo dos anos, ampliando e renovando suas equipes, expandindo seus campos de competência e engajamento, quão fundamental é o tema da violência, quão trágicas são as desigualdades no acesso à Justiça e quão problemática é a judicialização de todo e qualquer conflito, que coloniza o mundo da vida, enrijece as relações sociais, empobrece a sociabilidade e despotencializa o protagonismo criativo dos indivíduos.

Foi nesse contexto que, em 2005, o CECIP iniciou a implementação de uma série notável de projetos voltados para a resolução de conflitos nas escolas, em São Caetano do Sul, estado de São Paulo, e, posteriormente, no município do Rio de Janeiro — onde se consolidaria em 2011. A ideia chave era oferecer aos estudantes, mas também a funcionários, gestores e professores, a convicção de que a violência não constitui uma forma aceitável, eficiente, saudável e construtiva de resolução de conflitos, estendendo às famílias e às comunidades a difusão da experiência pacificadora e, portanto, promovendo os valores que lhe eram subjacentes e as concepções que a orientavam.

O passo seguinte, no qual reside a originalidade do trabalho de resolução de conflitos conduzido pelo CECIP, incorporou e desenvolveu, criativamente, a metodologia associada à estratégia internacionalmente conhecida pelo nome "Justiça Restaurativa". Na virada do século XXI, era ainda raríssima, no Brasil, a adoção dessa metodologia e, mais importante, os programas em curso em geral funcionavam no espaço do Judiciário — como em Porto Alegre, coordenados pelo juiz Leoberto Narciso. O CECIP ousou transpor para o domínio da sociedade civil o repertório de práticas da Justiça Restaurativa, o que lhe permitiu potencializar suas qualidades. Além de inovar na maneira de lidar com os conflitos, a operacionalização de métodos e conceitos restaurativos fora da instituição judicial evita a precipitada mobilização de recursos normativos, os quais trazem consigo limites formais e procedimentos menos flexíveis.

A experiência do CECIP tem alcançado êxito notável e vem conquistando reconhecimento, enquanto expande o âmbito de sua aplicação. Do meu ponto de vista, as consequências do sucesso do CECIP, ao longo dos últimos anos, não se reduzem ao impacto virtuoso local, pacificando ambientes envenenados pelo ódio e pelo medo, eventualmente traumatizados por conflagrações, truncados por tensões que geram intolerância com as diferenças e obstam a comunicação, o respeito às divergências e aos pactos negociados. Tensões recalcadas, dissensos reprimidos e contradições mascaradas podem disparar processos de exclusão, gestos e medidas autoritárias ou mesmo agressões e humilhações, estigmatizações e o fortalecimento de preconceitos. Nada disso estimula o amadurecimento psicológico ou o enriquecimento da convivência.

"A noção de justiça é vista mais como um processo de transformação individual e coletiva."

Egberto de Almeida Penido, Juiz de Direito da 1ª Vara Especial da Infância e Juventude de São Paulo (ver p. 114)

Certamente, efeitos benéficos — mesmo tópicos ou restritos, no tempo e no espaço — nessa matéria tão complexa e decisiva para a vida coletiva e individual já seriam mais que suficientes para valorizar os projetos do CECIP. Entretanto, o que me parece estar em jogo transcende as conquistas locais e o sucesso contingente. O alvo mais ambicioso é a própria ideia de justiça, são suas práticas e os valores envolvidos. O destinatário mais abrangente do experimento realizado pelo CECIP é a sociedade brasileira, é nossa cultura cívica. A mensagem transmitida pelo êxito obtido até aqui é forte e radical, e nos deve sensibilizar a todos: é possível fazer diferente, é possível pensar diferente, é perfeitamente viável abordar de outra forma o conflito entre as pessoas e delas com as normas. Sim, está ao alcance de nossas mãos, de nossos afetos e de nossa imaginação, desde que estejamos dispostos a rever conceitos e mudar posturas. Desde que nos disponhamos a renunciar à sede de vingança, que cobra punição olhando para o passado, visando intercambiar olho por olho, dente por dente, visando retribuir o sofrimento causado com sofrimento administrado, impondo o vocabulário da culpa e do castigo, da força e da ameaça. Essa renúncia é difícil, muito difícil, mas factível. E deveria levar-nos a outra lógica bastante distinta, em cujos termos o fundamental seria difundir o sentimento e a consciência da corresponsabilidade entre os atores institucionais e individuais envolvidos em cada drama, conflito ou transgressão. No universo conceitual e valorativo da justiça restaurativa, deve-se privilegiar, além do enraizamento cultural e prático do sentido de corresponsabilidade, a reparação, na medida do possível, dos danos impostos à vítima. Sobretudo, deve-se buscar entender as razões pelas quais os danos foram causados, para que se construam condições que evitem a reprodução da dinâmica destrutiva.

O CECIP está ajudando professores, funcionários, diretores de escolas, estudantes e suas famílias a conviver melhor, aproveitando com mais abertura, generosidade, compaixão e respeito o que a experiência da sociabilidade pode proporcionar. Os alunos aprenderão mais em escolas que enfrentem com mais inteligência as tensões produzidas nos relacionamentos. São inteligentes as escolas que compreendem os conflitos como oportunidades de aprendizado coletivo. Além disso, provocando a inclusão de novas questões na agenda pública — ou de antigas questões sob novas perspectivas —, o CECIP ajuda a sociedade brasileira a descobrir modos mais inteligentes e democráticos de fazer justiça.

"Eu arrebento mesmo e eu mando meu filho bater mesmo, porque bateu, levou."

Depoimento de uma diretora relatando a fala de um pai de aluno

Parte 1

O projeto, em resumo

O que no início de 2011 era uma ideia no papel, um projeto pensado e criado a partir de vivências, perspectivas e sonhos de profissionais que tinham a Cultura de Paz como alternativa para uma educação mais humana e possível, no final de 2012 se transformou em uma realidade repleta de cores e nuances diante da possibilidade de interferir diariamente em ações vivas e que se modificam todo o tempo.

O projeto *Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos* — promovido pelo CECIP em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e financiado pela Petrobras — tem como objetivo contribuir para a ampliação da Cultura de Paz, buscando respostas efetivas a situações de conflito e violência no âmbito das escolas e da comunidade de entorno.

Os valores adotados no projeto são o empoderamento, a responsabilização, o respeito, a implantação do diálogo como resolução pacífica de conflitos e o cumprimento estrito dos direitos fundamentais de todos os sujeitos envolvidos.

Propõe outra forma de resolver conflitos, na qual a cultura da punição é substituída pela busca das causas que levaram ao ato violento, suas consequências e a responsabilização dos danos por parte dos que o cometeram. Trabalha com alunos, educadores, gestores, funcionários e comunidade de 50 escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, por meio da formação de adolescentes (do 6º ao 9º anos) e de educadores. Eles são os difusores da Cultura de Paz.

Em 2011, cinco adolescentes e um educador de cada escola fizeram diversas oficinas de sensibilização e capacitação, e cada aluno capaci-

Jovens assistindo ao *Rap da Justiça Restaurativa*. O vídeo se encontra no CD que acompanha esta publicação.

tado mobilizou mais dois alunos para participar da formação. No ano seguinte, os jovens tiveram módulos de Tecnologias de Informação e Comunicação, participando das oficinas Megapixel*. Como resultado, produziram diversos vídeos não somente apoiando a disseminação de uma Cultura da Paz como também procurando sensibilizar a comunidade escolar sobre questões de conflito e de violência. No final de 2012, os vídeos produzidos nas escolas do projeto foram exibidos em uma Mostra, com público de cerca de 650 pessoas, entre jovens e educadores, além dos representantes da Secretaria de Educação e da Petrobras.

Antes de descrever cada etapa do projeto, é preciso dizer que elas foram constantemente adaptadas de acordo com as demandas da Secretaria de Educação, das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) e das escolas. Essas adaptações estavam previstas: o projeto foi desenhado para potencializar a parceria e a construção coletiva de cada passo dado. Tal orientação pode, a princípio, dar "mais trabalho", consumir "mais tempo", porém acreditamos que somente com a efetiva participação de todos os atores é possível construir a sustentabilidade necessária para a continuidade das ações.

O perfil único de cada escola faz lembrar constantemente de que não se pode aplicar sempre a mesma fórmula de ação. A criatividade é mola propulsora para definir os encaminhamentos à medida que a escola e sua equipe assumem a responsabilidade pelo projeto em seu espaço. Vários participantes vêm descobrindo a importância de ouvir e de se responsabilizar como posturas essenciais para vivenciar na prática o que é compartilhado teoricamente.

* **Megapixel** - As oficinas CECIP Megapixel ensinam técnicas básicas de produção e edição de vídeo utilizando câmeras digitais e celulares, e estimulam a reflexão sobre o processo – debatendo o poder da imagem como ferramenta para pensar o cotidiano e as questões sociais.

O Grupo Gestor

Nos primeiros meses do projeto foi criado um Grupo Gestor, composto por representantes de diversos setores da Secretaria Municipal de Educação (SME) — tais como a Coordenação de Gestão Escolar e Governança (CGG), a Coordenação de Educação (CED), a Assessoria da Secretária e a Gerência de Projetos Estratégicos. Também participaram, em alguns momentos, representantes das Secretarias Municipais de Defesa Civil e de Assistência Social. Todos contribuíram para a co-gestão das decisões e para a construção de um plano de trabalho. Devido à rotatividade das pessoas presentes no Grupo Gestor, instituiu-se um sistema de atas para informar os acordos de cada reunião, garantindo coesão e rapidez na execução dos encaminhamentos. A formação dessa rede é um investimento que no futuro pode influenciar políticas públicas alinhadas com os pressupostos do projeto.

O Grupo Gestor incumbiu-se de acompanhar as atividades e avaliar os resultados, bem como analisar sua pertinência em relação às políticas públicas nas áreas de Educação e de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. Nos encontros mensais, aconteceram discussões valiosas sobre conceitos como violência e conflito. Fortaleceu-se a reflexão sobre co-gestão e autonomia das escolas em decidirem quais programas querem em seu espaço educativo. Tratou-se da importância de dar voz à criança e ao adolescente para a busca de soluções e alternativas ao funcionamento da escola. Falou-se de relações humanas e da aceitação da diversidade de opiniões como fonte de crescimento para todos, sem violência. Os princípios de co-gestão e de co-autoria do projeto, almejados na proposta do Grupo Gestor, são os mesmos presentes na metodologia desenvolvida junto às escolas.

Outro ponto positivo foi a aproximação com a UNESCO, consultoria contratada pela SME para auxiliar no acompanhamento e desenvolvimento do Programa Escolas do Amanhã. O organismo internacional ajudou a avalizar a proposta do projeto. Passamos a integrar o grupo Parceiros das Escolas do Amanhã (PEAs), juntamente com outras ONGs que atuam nesse programa da SME. O papel da UNESCO facilitou uma maior aproximação com a SME, tanto em nível de gerência quanto em programas internos como o NIAP (Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares Municipais), reforçando a possibilidade de que a metodologia do projeto possa inspirar políticas públicas. Um dos desdobramentos desse diálogo foi a execução — juntamente com a ONG Parceiros Brasil — de um curso de capacitação para as 152 Escolas do Amanhã: de junho a outubro de 2012 aconteceram cinco oficinas com oito turmas, compostas de dois representantes da gestão de todas as escolas do programa.

A formação dessa rede é um investimento que no futuro pode influenciar políticas públicas alinhadas com os pressupostos do projeto.

Articulações que surgiram espontaneamente com as escolas também serviram para reforçar ainda mais a conexão entre os conteúdos e metodologia do projeto e a política educacional da rede municipal. A 10ª CRE, por exemplo, convidou a equipe do projeto a realizar uma oficina exclusiva com professores de uma de suas escolas.

Um episódio marcante que influenciou o andamento do projeto foi a tragédia em Realengo, em abril de 2011, quando um jovem invadiu a escola municipal onde estudara e abriu fogo, causando a morte de doze alunos. O ato violento é consequência de uma rede de violências que não tiveram a atenção devida em um contexto social que vai além do espaço escolar. Esse evento despertou na SME a urgência de rastrear e priorizar todos os programas que pudessem servir de apoio para lidar com situação tão delicada.

Seleção das escolas

A interação direta com as escolas teve início com um encontro com escolas de todas as regiões do Município, seguido de sensibilizações com cada uma das dez Coordenadorias Regionais de Educação (CRE). No total, a proposta foi apresentada aos gestores de 252 escolas selecionadas pela SME. Nos encontros foram feitas dinâmicas para estimular a reflexão sobre conceitos básicos do projeto, e cada participante recebeu um kit com o mesmo material apresentado* — a intenção era que os gestores apresentassem a proposta para sua comunidade escolar, decidindo coletivamente se desejavam aderir ou não ao projeto. Esse processo durou de maio até o início de julho, com visitas de nossa equipe para esclarecer dúvidas e recolher as fichas de adesão das escolas. Ao entrar em contato com a proposta, várias escolas ressaltaram a relevância de um projeto como este, destacando as seguintes demandas: enfrentar a violência, que tem aumentado muito dentro da escola; fortalecer as relações entre escola e comunidade; estimular um processo participativo de reconstrução escolar; restaurar a identidade dos alunos; ajudar os jovens a buscar ferramentas para lidar com seus conflitos.

Olhando em retrospectiva, os motivos pelos quais as escolas decidiram não aderir antecipavam os desafios que seriam encontrados ao longo do projeto, como a dificuldade de disponibilizar um educador para acompanhar as ações, a falta de espaço e a sobrecarga de projetos que já são desenvolvidos na escola.

No final de agosto, definidas as 50 escolas participantes*, foi realizado o lançamento oficial do projeto. Na ocasião, foram realizadas oficinas de capacitação promovidas pelo CECIP e encontros com profissionais que atuam com resolução de conflitos, com a presença da educadora norte-americana Kay Pranis, especialista em processos circulares. Esse evento de formação e troca de experiências foi muito rico para o aprendizado de todos, fortalecendo a rede de profissionais e secretarias envolvidos no tema. A presença de agentes da Secretaria de Educação nas oficinas propiciou um melhor entendimento da metodologia.

Processos de formação

A equipe do CECIP vivenciou conceitos e desenvolveu seu próprio aprendizado para poder repassar aos participantes do projeto nas escolas. Um dos pontos centrais da metodologia de formação dos facilitadores — que contou com a orientação de especialistas em Justiça Restaurativa e comunicação audiovisual — é utilizar os princípios das práticas de resolução de conflito como norteadores no processo de desenvolvimento das ações. Aprender a conviver significa mudar parâmetros em todos os níveis, o que se inicia pela equipe do projeto. A formação inclui, por isso, um repertório de práticas para a construção de convivência harmoniosa.

No segundo semestre de 2011, foi feito o primeiro bloco de oficinas: professores e alunos de todas as escolas participantes de uma mesma CRE reuniram-se em uma escola-pólo, onde as atividades foram realizadas. O deslocamento para as oficinas foi um empecilho para educadores que têm mais de uma matrícula e não podiam dispor do contra-turno, período em que ocorreram as oficinas. Isso resultava também na ausência dos alunos, que só poderiam se deslocar acompanhados. A solução foi propor às CRE e aos diretores das escolas um rodízio do educador presente nas oficinas, caso necessário. Desta maneira, além de garantir

***Material:**
. Cartilha
. Fanzine
. Dinâmicas
. Vídeos

(Mais informações no site www.nep.org.br)

* Ver mapa completo das escolas nas páginas 70 e 71.

No capítulo Oficinas de Formação estão as dinâmicas que fizeram mais sucesso durante as oficinas.

(ver p. 33)

Mais detalhes sobre a produção de vídeos e sobre a grande Mostra estão no capítulo Mobilização.

(ver p. 57)

maior presença, o rodízio tornou-se mais uma estratégia na disseminação do projeto para a equipe escolar.

As dinâmicas das oficinas de facilitação dos círculos restaurativos foram construídas coletivamente pela equipe do projeto. Cada encontro tinha um objetivo específico, entre eles: apresentar a proposta do processo circular, integrar as equipes, mapear as relações no ambiente escolar, planejar ações de intervenção por meio da mudança de paradigmas e implantar Núcleos de Paz nas escolas.

De acordo com a realidade de cada escola e com os imprevistos ocorridos ao longo dos encontros, foram necessárias adaptações na metodologia, sempre valorizando o conteúdo trazido pelas experiências nas escolas e as necessidades que apresentavam. Foi preciso ampliar a faixa etária dos alunos inicialmente proposta, uma vez que a Secretaria de Educação criou programas para que os alunos defasados avançassem de ano, de modo a finalizarem o segundo segmento do Ensino Fundamental. Com isso, no momento que o projeto chegou à escola não havia número suficiente de alunos entre 15 e 17 anos. Assim, a faixa etária dos participantes passou a incluir, também, adolescentes entre 12 e 14 anos.

Desafios em questão

Antes da primeira rodada de oficinas de 2012, fizemos reuniões com as CRE e os diretores de cada escola, discutindo os avanços do projeto e seus desafios estruturais. Um dos pontos levantados foi a dificuldade de encontrar educadores com disponibilidade e entusiasmo para participarem efetivamente do projeto — uma vez que eles não são liberados de suas funções, sendo o projeto um trabalho adicional ao já existente. Levando em consideração a sobrecarga no quadro de pessoal em muitas escolas, notamos a dificuldade da gestão em identificar este educador.

Outro problema levantado foi que o início do projeto no segundo semestre pode ter afetado a motivação dos educadores em participar. O calendário escolar tem um ciclo que se parece com a subida de uma montanha: perto do cume o desgaste é maior; logo é natural que haja um cansaço acumulado nos meses finais do calendário escolar.

Além disso, as escolas precisaram lidar sistematicamente com alterações no quadro de pessoal, aposentadorias, transferências, ausências temporárias, licenças e ainda demandas das CRE e da SME — tudo isso interferindo, evidentemente, em seu planejamento interno. Os diretores, por sua vez, estavam constantemente sobrecarregados de reuniões e responsabilidades de secretaria, precisavam lidar com as famílias e muitas vezes sua equipe escolar tinha número insuficiente de funcionários e professores.

Estas reuniões junto às escolas e às CRE foram muito importantes para iniciar o segundo ano com clareza das etapas, adequando o formato do projeto com base na experiência de 2011. Também foram benéficas por estreitar o relacionamento com os gestores.

Articulações pela Paz

No intuito de fortalecer e ampliar a rede de agentes que promovem a Cultura de Paz, o projeto repercutiu em uma série de visitas e atividades paralelas. Entre os contatos importantes feitos nesses anos, houve a visita de representantes do Instituto Latino-Americano de Práticas Restaurativas, sediado no Peru — conheceram o trabalho, participaram de um círculo temático em uma escola municipal e iniciou-se a costura para possíveis intercâmbios e parcerias. Outra visita promissora, do ponto de vista da Justiça Restaurativa, foi a de representantes do Ministério Público e da Defensoria Pública do Pará, que participaram de uma oficina de capacitação e receberam informações sobre o projeto, interessados em adaptar a metodologia dos processos circulares ao Sistema de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente de seu Estado. Além disso, continuamos a manter trocas constantes com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e com diversos projetos dentro da Cultura da Paz e Justiça Restaurativa.

Em setembro de 2012, representantes da equipe do CECIP participaram do Encontro Mundial da Paz, um evento global de difusão dos princípios da Cultura de Paz por meio de vivências e experiências entre agentes, instituições e indivíduos com desenvolvimento de atividades nas áreas das ciências, filosofia, tradições e artes. Promovido pela rede Unipaz em cooperação com entidades promotoras da Cultura de Paz, Defesa dos Direitos Humanos, Ecologia, Educação e organizações governamentais e não-governamentais, o evento foi realizado no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Cerca de 300 projetos nacionais e internacionais estiveram representados, trocando experiências sobre metodologias de Cultura de Paz.

Acompanhamento nas escolas

A equipe de facilitadores acompanhou cada escola, em média, duas vezes ao mês, sempre no contra-turno dos alunos participantes. Alunos, educadores e gestores foram estimulados a planejar e desenvolver as ações necessárias para as etapas do projeto: mapeamento da escola, dis-

Saiba mais sobre a atuação do CECIP em projetos de Justiça Restaurativa na Parte 4.

(p. 107)

No próximo capítulo, você pode conhecer em detalhes como foram feitos os círculos temáticos e de conflitos.

seminação do projeto e implementação do Núcleo de Paz — que por sua vez planejava círculos temáticos e círculos para lidar com conflitos, além da produção de vídeos. Alguns acompanhamentos foram feitos por pares, isto é, reunindo duas escolas próximas. A chance de conhecer outra escola e outro grupo de alunos foi um fator enriquecedor para a troca de experiências.

Materiais de comunicação

Na construção dos materiais de divulgação e informação sobre o projeto, houve o esforço de traduzir a metodologia de maneira simples e acessível aos jovens, ao mesmo tempo servindo de material teórico de apoio para educadores e jovens.

A cartilha *Curtir e compartilhar a Paz: Caminhos para a convivência na escola** foi criada com base na experiência das escolas e detalha a metodologia utilizada. Folhetos ajudaram a informar e disseminar nas escolas as etapas do projeto. Um deles, em formato circular, esclarece sobre o que consiste um Núcleo de Paz. Para a divulgação das ações nas escolas, foram produzidos outros materiais: um cartão postal com espaço para inserir o convite com a pergunta "O que eu faço para melhorar minha escola?", banner com envelope para trocar e atualizar as informações ali expostas, camisetas, bolsas e fitinhas com frases criadas para estimular a reflexão sobre conflitos e violência.

**A cartilha se encontra no CD desta publicação.*

Mobilização crescente

À medida que avançava a implementação dos Núcleos de Paz nas escolas e os vídeos começavam a ser produzidos pelos jovens, as escolas "concretizaram" o projeto além do trabalho que já vinha sendo feito nas oficinas sobre resolução de conflitos e convivência. Estreitaram-se os laços com vários coordenadores pedagógicos e alguns gestores e ampliou-se o apoio

da CRE na organização dos espaços para as oficinas. O maior desafio era ainda a preparação das salas de informática, pois várias escolas não tinham computador adequado para instalar programas específicos.

Os grupos formados nas escolas começaram efetivamente a vivenciar o processo circular, através de círculos temáticos e círculos para lidar com conflitos. Nesse momento, os conteúdos das oficinas foram "testados" na prática, com os jovens, adultos e equipe do CECIP construindo juntos o espaço para escuta e reflexão, em situações delicadas, com emoções à flor da pele, criando um espaço seguro onde todos podem falar e ser ouvidos.

A força do vídeo

A produção de vídeos tornou-se uma poderosa ferramenta de mobilização e reflexão sobre questões relevantes de cada escola. A partir das oficinas Megapixel, um facilitador do CECIP e um especialista em audiovisual acompanharam as escolas na produção de seus vídeos. Os jovens criaram fotonovelas e vídeos sobre situações de conflito, além de *making of* das ações de disseminação da Cultura de Paz. O interesse pelas oficinas de vídeo foi muito representativo, pois instrumentalizou os jovens de forma dinâmica e divertida a lidar com os assuntos desafiadores da construção da paz. A possibilidade de aprender a produzir, gravar e editar o próprio vídeo estimulou a competência do jovem em criar sua visão do mundo, mobilizando o grupo de cada escola a repensar sobre seu convívio, sempre trazendo assuntos relevantes sobre a realidade escolar. O envolvimento dos alunos também repercutiu em diversas manifestações nas redes sociais e em blogs das escolas sobre ações do projeto, um excelente indicativo do impacto das atividades na vida das pessoas.

Em novembro de 2012, no final do ano letivo, foi realizada uma grande Mostra de Vídeos exibindo as produções feitas pelos jovens. Os vídeos demonstram que os alunos apreenderam os conteúdos trabalhados no projeto. Na Escola Cardeal Câmara, em Parada de Lucas, por exemplo, os alunos fizeram um vídeo sugerindo que o ensino de música pode ser uma forma de combater a violência e criaram a frase "Faça cultura, não faça violência". O vídeo foi gravado dentro da sala de música da escola, que não funcionava por falta de professor. Isso demonstrou que os jovens estão atentos às dificuldades pelas quais suas escolas passam, e o vídeo foi uma forma que encontraram de dar voz a essa percepção, em um viés concreto para a efetivação do protagonismo juvenil. Outro caso interessante foi o da Escola Jenny Gomes, no Rio Comprido, em que os alunos realizaram um vídeo demonstrando sua

"A possibilidade de aprender a produzir, gravar e editar o próprio vídeo estimula a competência do jovem em criar sua visão do mundo, mobilizando o grupo de cada escola a repensar sobre seu convívio."

visão crítica sobre as mídias sociais. O título era “Fakebook”. Eles representaram um conflito entre duas amigas e o namorado de uma delas, incluindo questões de traição e confiança, permeado por diálogos no chat do “Fakebook”. Os alunos que assistiram ao vídeo mas não participaram do processo de produção identificaram-se imediatamente com os assuntos ali tratados. As redes sociais e as novas ferramentas midiáticas de comunicação estão presentes no cotidiano escolar, e falar de diálogo e respeito na escola passa também pelo diálogo e respeito nas redes sociais.

Exemplos como esses demonstram que a realização dos vídeos foi um excelente exercício de expressão artística, fortalecendo a capacidade de reflexão e comunicação dos jovens, com grande potencial de mobilização.

Para mais detalhes sobre a grande Mostra de vídeos, veja o capítulo Mobilização.

(p. 57)

Até aqui, e em frente

Encerramos 2012 com a construção desta publicação que você está lendo. Consideramos importante guardar em algum lugar os passos que já foram dados, para poder lembrar e compartilhar com outros as nossas descobertas.

Desejamos que sua leitura seja inspiradora. Acreditamos que no fazer podemos transformar e ampliar o potencial criativo que existe não somente nos jovens, mas em todos nós.

2011

- Planejamento/Criação do Grupo Gestor: janeiro a maio
- Sensibilização com gestores: maio e junho
- Adesão das escolas: junho e julho
- Lançamento do projeto: agosto
- Primeiro ciclo de oficinas: setembro e outubro
- Acompanhamento nas escolas: agosto a novembro

2012

- Reuniões de planejamento com as escolas: fevereiro
- Segundo ciclo de oficinas nas escolas: março e abril
- Acompanhamento nas escolas: março a dezembro
- Ações de divulgação e sensibilização feitas pelos alunos: abril a dezembro
- Início da implementação de Núcleos de Paz nas escolas: maio
- Terceiro ciclo de oficinas nas escolas: agosto
- Mostras de vídeos individuais: segundo semestre
- Círculos temáticos e de conflito: segundo semestre
- Continuação da implementação dos Núcleos de Paz nas escolas: segundo semestre
- Mostra de Vídeos e celebração dos resultados: novembro
- Sistematização e publicação dos resultados: dezembro

Parte 2

Núcleos de Paz

Parte 2

Núcleos de Paz

Criando espaços de transformação

O Núcleo de Paz não é somente um espaço físico, é uma maneira de promover as relações de modo a fortalecer o vínculo entre as pessoas. Um "ambiente" em que os jovens podem expressar suas opiniões e pensamentos. E também agir, participar e construir uma convivência do jeito que eles são. O Núcleo pode servir para resolver um conflito, conversar sobre temas difíceis, tomar decisões, celebrar conquistas ou planejar ações de uma proposta coletiva.

Os jovens e os adultos da escola e da comunidade se reúnem. Sempre pode rolar uma brincadeira, um momento de reflexão, em que se pode discordar ou concordar sobre diversos assuntos. As propostas são decididas coletivamente, utilizando o processo circular, que convida as pessoas a falarem o que sentem e o que pensam.

No processo de construção dos Núcleos de Paz, alguns aspectos são bastante relevantes, e reveladores:

Pra quê usar?

Círculos de acolhimento, reuniões de acompanhamento do projeto, oficinas, mostra de filmes, jogos, círculos temáticos, produção de vídeo, avaliações das atividades e diversas outras ações. O Núcleo torna-se um espaço de expressão, apoio e criação, onde o grupo se nutre. Foi também

Para saber mais sobre processos circulares, ver p. 45 e p. 115.

um espaço onde os grupos aprenderam a se escutar. Onde aprenderam a expor seus conflitos na convivência utilizando a metodologia do processo circular*. Nessas conversas, os alunos constataram o desinteresse dos jovens de sua própria escola em participar e expressar sua frustração sobre a depredação do prédio ou sobre questões referentes à convivência — principalmente brigas derivadas de intrigas, aprofundando os motivos que levam as pessoas à violência física e à desqualificação verbal *(bullying)*.

Quem usa?

Gestores, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários e alunos da escola. Em grupos que tinham em sua maioria jovens do gênero feminino, discutiu-se muito a questão da imagem (beleza, vaidade, feminilidade) e foi um espaço onde se expressaram abertamente, expondo seus conflitos e se reconciliando.

Onde funciona?

A maioria das escolas escolheu como espaço para o Núcleo de Paz a sala de leitura ou biblioteca. Como a sala tem horário para ser aberta e é necessário um adulto que se responsabilize pelos livros e equipamentos, o acesso é restrito. Em várias escolas, pode-se mexer na organização da sala, nas cadeiras e mesas, colocar fotos e papéis coloridos, decorar o espaço com cortinas e cartazes, manter um mural atualizado. Em outras, foi reservada uma estante para os jogos e organizou-se tapetes e almofadas doados pelo projeto.

Houve também Núcleos de Paz na sala de informática, no laboratório, em um palco e revitalizando salas de aula ociosas. Algumas escolas criaram pufes com garrafas PET, em outras os alunos e a educadora retiraram entulho de dentro da sala, pintaram e decoraram o Núcleo com objetos construídos por eles. O auditório de uma escola foi reativado: o grupo comprou itens de decoração e plantou sementes de pimenta. O cuidado pela planta simbolizou o cuidado que desejavam aprender a ter com as relações. A pimenteira cresceu e está dando frutos.

Uma vez adotado o espaço, a existência do Núcleo o transforma. Com o apoio da professora, um grupo de alunos criou uma horta vertical, arrumou bancos e comprou tapetes para o local. Nas escolas com jardim, pais, avós, alunos e professores ajudaram com um mutirão para limpar e decorar o espaço com varal e pregadores, fotos e vasos

Cartaz produzido pelo Núcleo de Paz da E.M. Professor Castro Rabello.

de plantas. Alguns Núcleos funcionaram em construções temporárias, como uma tenda decorada com almofadas e varais, fanzines, fotos e depoimentos, armada em um corredor ao lado da secretaria e da sala de leitura.

Às vezes, quando os alunos eram da mesma turma, escolhiam para o Núcleo a sala onde estudavam. O primeiro passo foi conversar com o professor que utilizava a sala à tarde para verificar as adaptações possíveis no espaço, começando pela limpeza e diminuição da poluição visual, pois havia muitos cartazes e folhas espalhadas pela sala.

Mas o importante é que, mesmo em escolas pequenas, onde não houve espaço físico para implantar o Núcleo, os alunos do projeto eram procurados por professores e outros alunos querendo conversar sobre algum conflito, pedindo ajuda ou informações sobre o projeto. Exemplo de como o Núcleo de Paz é feito de pessoas e suas relações — muito além de um ambiente concreto.

Parte 2

Oficinas de formação:
Como fizemos

Este capítulo apresenta alguns procedimentos e conteúdos que foram essenciais nas dinâmicas de formação dos agentes de paz nas escolas.

Vale sempre lembrar a necessidade de adaptação das atividades de acordo com as condições possíveis do momento, as demandas e experiências relatadas pelo grupo. Por outro lado, planejamento é fundamental: é preciso definir claramente o que se pretende fazer e em quanto tempo, para poder ser flexível e mudar de plano sempre que preciso.

Preparação

Um aspecto essencial ao trabalhar com grupos é ter mais de uma pessoa facilitando as atividades. Esta pessoa muitas vezes é chamada de apoio ou co-facilitador.

Se for possível, teste a atividade em um grupo menor, ou faça uma simulação com a sua dupla, para ver como cada um se sente falando, perguntando e escutando. Ao "testar" como seria a atividade na prática, poderá acrescentar algumas alternativas de como fazer, ganhando segurança.

Escreva um roteiro para levar no dia da atividade. Isso ajuda a lembrar os passos e a lidar com imprevistos. Descreva a atividade, defina a quantidade de pessoas nos grupos, preveja a duração de cada etapa, liste o material necessário. Faça uma lista de perguntas para serem feitas, que auxiliem na reflexão.

Objetivo geral

Cada dia de atividades tem um propósito geral, que influenciará no resultado esperado. Geralmente o objetivo é apoiar os participantes no desenvolvimento de habilidades para a prevenção e resolução de conflitos.

Nome e descrição da atividade

Descrever uma atividade é um importante passo de planejamento, pois é quando se ordena e divide as etapas necessárias para sua boa execução. Quanto mais claras e objetivas forem as instruções, maior desenvoltura terá o andamento da atividade.

Ao propor a atividade, abrir ao participante a escolha de se envolver ou não na proposta.

Tempo estimado

Saber a duração prevista de uma atividade permite dividir o tempo de acordo com suas etapas e traz mais facilidade para alterar o planejado, caso seja necessário. O tempo estimado varia de acordo com o perfil e o tamanho do grupo.

Objetivo de cada atividade

Ter clareza do propósito de cada atividade é fundamental para o encaminhamento das etapas do dia. Pergunte aos participantes "Para que serve esta atividade?". Isso trará novos objetivos que não foram previstos, enriquecendo o aprendizado de todos.

Número de participantes

A quantidade de participantes pode ser adaptada de acordo com a demanda do grupo. Algumas atividades são mais apropriadas para grupos maiores e outras se desenvolvem melhor em grupos menores. Quando for entregue uma tarefa para subgrupos, vale checar, com cada um, se entendeu as orientações. Se alguns grupos não entenderam, pare a atividade e peça que algumas pessoas expliquem, corrigindo o rumo sempre que necessário.

Dinâmica de acolhimento com fotos variadas.

Material necessário

A lista de materiais necessários varia bastante. É importante preparar uma exposição visual do conteúdo — fotos, desenhos, diagramas, filmes — e não somente textos. Imagens muitas vezes expressam mais fortemente um conteúdo do que palavras (por exemplo: diagramas são mais facilmente memorizados do que listas).

Espaço físico e preparação do local

É importante adaptar o planejamento e os materiais da atividade ao espaço físico disponível. Chegue com antecedência para preparar o espaço e o material necessário à atividade.

Pausas

Preveja momentos para descanso, alimentação, hidratação e uso do banheiro. As pausas precisam estar integradas ao planejamento das atividades e devem ser adaptadas de acordo com a demanda do grupo.

Destacar depoimentos e comentários

Durante uma atividade, várias pessoas expressam suas opiniões e sentimentos. Aproveite esses depoimentos e comentários para integrá-los ao conteúdo proposto. Isso fortalece o envolvimento do grupo e o entendimento do conteúdo. Conectar a experiência das pessoas com a teoria favorece a compreensão do que está sendo discutido e a ancoragem do que foi vivenciado.

Confidencialidade

Converse com os participantes sobre como pretendem lidar com os depoimentos feitos durante a atividade. Normalmente faz-se um compromisso de confidencialidade quanto aos assuntos mais delicados e pessoais.

Perguntas de reflexão e avaliação

É fundamental, para o aprendizado de um novo conteúdo, um momento de reflexão e avaliação sobre como foi o desenvolvimento da atividade, o que as pessoas perceberam e sentiram. Essa avaliação pode ser por escrito (questionário) ou verbal. Algumas perguntas estimulam a troca de opiniões e a expressão de sentimentos, conferindo maior riqueza ao aprendizado e à avaliação. Por exemplo:

- O que te chamou mais atenção nesta atividade?
- Como você se sentiu ao fazer a atividade?
- Quem teve uma experiência diferente do que foi já compartilhado?
- O que você aprendeu com esta atividade?
- Como esta atividade se relaciona com outra experiência de sua vida?
- Como você pretende aplicar o que foi compartilhado hoje?
- O que você descobriu sobre você, ao fazer esta atividade?

A etapa de perguntas para reflexão deve acontecer após cada atividade. Ouvir os participantes com atenção e incentivar o grupo a fazer o mesmo fazem parte de uma metodologia de empoderamento e inclusão, onde todas as pessoas presentes se sentem competentes para terem algo a acrescentar à construção do que é vivenciado coletivamente. Além disso, ao relembrar e elaborar um pensamento sobre o que acabaram de vivenciar, aumentam as chances de assimilarem essas informações.

Após finalizar o encontro, separe um tempo para avaliá-lo com a sua dupla.

Dinâmica do graveto utilizando peças de brinquedos

Princípios básicos da facilitação:

- Acreditar que os educadores e as escolas podem aprender (mudar), e que essa mudança não é um evento e sim um processo complexo, demorado e não-linear.
- Colocar a pessoa, suas necessidades e preocupações, no centro do processo. Amar, respeitar e confiar no aprendiz.
- Focar na autonomia do aprendiz, estimulando-o a assumir responsabilidade por sua própria aprendizagem e desenvolvendo sua habilidade de formular perguntas que provoquem a reflexão.
- Promover diálogo e colaboração.

Esses princípios fazem parte da metodologia de formação de facilitadores de mudanças educacionais, descrita no livro Mestres da Mudança *(CECIP /APS, 2006).*

Pasta de registro das atividades e sentimentos ao longo do projeto.

"Processofólio": Rastreando o aprendizado

Outra maneira de aprofundar o aprendizado é a criação do "Processofólio", uma ferramenta muito eficiente para saber o impacto do que está sendo vivenciado pelas pessoas. Neste instrumento, cada participante registra seus pensamentos, sentimentos e observações sobre o que foi vivenciado. As formas de preencher seu Processofólio podem ser as mais variadas: fotos, textos, frases, objetos, filmes... enfim, qualquer referência ligada ao que se experimentou e sentiu.

Assim os Processofólios se tornam relatos sobre o desenvolvimento das atividades, as soluções e desafios que surgem, como as pessoas pensam e refletem sobre suas atuações, como se comunicam e utilizam os recursos didáticos oferecidos.

Essa "memória do processo" motiva a reflexão sobre a prática dos envolvidos e consequentemente influencia na transformação das relações.

No CD que acompanha esta publicação, há mais exemplos de atividades desenvolvidas pelo projeto.

Oficinas de formação: Exemplos de Dinâmicas

As oficinas tinham como proposta sensibilizar os grupos de jovens e educadores, aproximando-os da metodologia do processo circular e os convidando a vivenciar e aprender, por meio da prática.

Selecionamos algumas dinâmicas que, no decorrer das oficinas, cumpriram esses objetivos. Elas são replicáveis em processos formativos semelhantes — considerando-se, claro, as necessidades de adaptação à realidade de cada escola.

1. Círculos de avaliação com bastão da fala

Objetivos: Sensibilizar e disseminar a metodologia do círculo através de sua vivência; checar as experiências vivenciadas no dia.

Tempo estimado: 40 minutos

Número de participantes: Grupos de até 40 pessoas

Materiais necessários: Objeto que tenha significado para o grupo ou para o facilitador do círculo, e que possa ser usado como bastão da fala.

Descrição: O facilitador explica os elementos do processo circular, entre eles o bastão de fala e sua função. Os participantes escolhem um tema e o abordam seguindo as regras do círculo. Ao final, o grupo reflete sobre como se sentiu usando o bastão da fala. Perguntas norteadoras: Como foi usar o bastão enquanto falava? Como foi escutar enquanto o outro usava o bastão? Como foi quando alguém passou a vez e não falou? O que mais te chamou atenção no círculo? O que vocês perceberam de diferente nesta forma de organizar as falas?

Ver p. 45 e p.115 para mais detalhes sobre Processos Circulares.

2. Gravetos

Objetivos: Perceber as nuances da construção coletiva, a paciência e o cuidado com o tempo do outro e compreender que as relações produzem interações imprevisíveis.

Tempo estimado: De 1 a 2 horas (varia muito de grupo para grupo)

Número de participantes: Grupos de até 30 pessoas

Materiais necessários: Gravetos de diversos tamanhos

Descrição: Sentados em círculo, os participantes têm à sua disposição o material, que podem ser gravetos ou qualquer outro que permita uma composição por partes. Um por vez, respeitando a sequência do círculo, usam o material para criar, construir e desconstruir uma imagem que for do seu interesse, de forma completamente livre. Por exemplo: um participante monta uma forma, o seguinte interfere e monta outra, o próximo apenas retira um graveto e assim por diante. Assim, interagem por meio do material. A dinâmica acaba quando todos do círculo estiverem confortáveis com a forma criada pelo grupo.

Trata-se de uma dinâmica desafiadora para todos os envolvidos, pois geralmente exige concentração e silêncio. Esses requisitos são também reveladores, pois os participantes tendem a querer fazer sugestões e interferir na vez dos outros. Tais comportamentos, reações e relações rendem boa discussão.

3. Etiqueta na testa

Objetivo: Estimular no grupo uma reflexão sobre como vemos o outro e como nos enxergamos.

Tempo estimado: 30 minutos

Número de participantes: Grupos de até 40 pessoas

Materiais necessários: Lista de presença, folhas A4, lápis de cor, caneta, pilot, etiquetas com características como “feliz”, “sério”, “apaixonado”, “preocupado”, “brincalhão”, “triste”.

Descrição: Pedir ao grupo que feche os olhos. Na roda, o facilitador coloca a etiqueta na testa de cada participante. Em seguida, ao som de uma música o grupo caminha pela sala interpretando a emoção ou característica que está na testa do colega. Passados alguns minutos, o facilitador propõe que cada integrante diga o que acha que está escrito em sua testa. No círculo final, o grupo fala da experiência, associando-a às vivências da escola e às características dos relacionamentos e atitudes. É uma boa forma de desenvolver habilidade de reconhecer e expressar sentimentos, além de promover a reflexão sobre rótulos que usamos para caracterizar as pessoas.

Acima:
Oficina de vídeo na 9ª CRE.

4. Foto humana

Objetivos: Procurar novas saídas para situações de conflito, revelando a capacidade de cada um em ser sujeito da história e transformá-la.

Tempo estimado: 1 hora

Número de participantes: Grupos de até 40 pessoas

Materiais necessários: Máquina fotográfica e lista de temas para as fotos.

Descrição: Os participantes são divididos em grupos de até cinco pessoas. O facilitador sorteia um tema para cada grupo, que será a base para a montagem da foto. Exemplos de tema: Rio de Janeiro, escola, conflito, família, juventude, violência. De acordo com o tema sorteado, o grupo deve montar, com seus corpos, uma imagem estática. Os outros grupos tiram uma foto do grupo da vez. Em seguida, podem intervir para transformar a cena inicial, modificando a disposição dos corpos. A nova imagem, depois das intervenções, também deve ser registrada, criando assim um “antes e depois” das intervenções. Como fechamento da atividade, os participantes são convidados a pensar em situações das suas vidas em que tiveram ou poderiam ter tido um papel importante para transformar um conflito, e assim refletir sobre a capacidade de cada um de intervir em situações que aparentemente não são passíveis de mudança.

5. Concordo e discordo

Objetivo: Instigar a expressão de opiniões diferentes dentro de um grupo coeso, despertando a compreensão de que a diferença está presente em todas as relações sociais.

Tempo estimado: 1 hora

Número de participantes: Grupos de até 40 pessoas

Materiais necessários: Fita crepe e duas placas indicando "Concordo" e "Discordo". Uma lista de afirmações para o facilitador guiar a dinâmica, como:

Eu já senti medo na escola.
Eu tenho orgulho da escola onde estudo.
Eu já bati em alguém na escola.
Eu já fui suspenso sem merecer.
Eu já apanhei na escola.

Eu acredito que escolas seguras e cidadãs contribuem para transformar ambientes violentos.
A violência faz parte das relações humanas, o conflito não.
Quando sou participativo e colaboro, melhoro o meu processo de aprendizagem.
O clima de nossa escola pode ser melhor se evitarmos o diálogo.
Quando rompo o diálogo é que a violência começa.
Conflitos são neutros, suas manifestações dependem da forma como lidamos com eles.

Descrição: Antes de iniciar a atividade, colar no chão uma fita crepe, permitindo que haja espaços iguais dos dois lados da fita. De um lado haverá uma placa de uma cor e do outro uma de cor diferente. O facilitador media a atividade ditando as frases e dando o comando de quando as pessoas devem ir para o lado com que mais se identificam, de acordo com cada afirmação. Quando os grupos estiverem formados de cada lado, o facilitador escolhe alguns participantes para justificarem a sua escolha. No final da atividade, o facilitador pode fazer algumas perguntas para estimular a reflexão dos participantes sobre a divergência de opiniões, como: Você mudou de opinião ao ver seus colegas? Teve receio de ser o único a tomar certo posicionamento diante de alguma pergunta? Teve vontade de corrigir o posicionamento de algum colega?

6. Eu te amo

Objetivo: Promover o reconhecimento das características e diferenças entre o grupo.

Tempo estimado: 30 minutos

Número de participantes: Grupos de até 40 pessoas

Materiais necessários: Nenhum específico

Descrição: A brincadeira se parece com a dança das cadeiras. Os participantes sentam-se em círculo com uma cadeira a menos que o total de pessoas. Uma pessoa (A) vai para o centro da roda e convida outra pessoa (B) para acompanhá-la. A pessoa (A) diz "Eu te amo"; a pessoa (B) pergunta "Por que você me ama?"; a pessoa (A) responde citando uma característica observável — por exemplo: "Eu te amo porque você tem cabelos curtos". Depois, todos os que compartilham características semelhantes àquela devem trocar de lugar. Quem ficar sem lugar para sentar reinicia a brincadeira, sentando-se no centro da roda e chamando outra para acompanhá-la.

Parte 2

Círculos

Criando oportunidades para aprender com a escuta

À medida que implantavam Núcleos de Paz nas escolas, os próprios jovens apresentaram seus interesses e demandas para a resolução de conflitos. Disso nasceram dois tipos de círculo: os temáticos e os de conflito.

Os processos circulares* são uma ferramenta indispensável para a Cultura de Paz nas escolas. Consistem em um encontro de pessoas dispostas a compreenderem, juntas, questões que dizem respeito às relações interpessoais. O mais importante no processo é a conexão entre os envolvidos, a escuta mútua e a expressão sincera e empática sobre o tema tratado.

** ver p. 113 para mais detalhes sobre processos circulares.*

O círculo tem dois elementos chave: um guardião e o bastão da fala. O guardião cuida do ambiente físico, estrutural e afetivo, auxiliando os participantes a manterem o foco no tema proposto e a criarem um ambiente seguro, que viabilize a comunicação restaurativa. O bastão media a fala, conferindo a quem o segura o direito de falar e implicando na escuta ativa dos demais. Essa estrutura dinâmica auxilia na horizontalidade da expressão de cada um e no encontro de resoluções justas para todos. O comprometimento de cada um com a mudança materializa o significado coletivo da construção de paz, pois todos têm a oportunidade de se responsabilizar pela transformação que querem ver no grupo.

O círculo é uma oportunidade para transformação. Aprendemos juntos, percebemos como julgamos as pessoas sem conhecê-las, identificamos nossa própria resistência, comunicamos nosso incômodo e aceitamos a diferença do outro, sem querer mudá-lo. Descobrimos que, mesmo entendendo o sentido por trás de uma ação violenta, sua reparação requer uma conscientização tanto individual quanto coletiva. A conscientização é individual porque cada pessoa se responsabiliza por suas escolhas. E é coletiva porque cada pessoa precisa perceber os sentimentos e necessidades de todos os envolvidos, e assim todos constroem juntos um caminho.

Vivemos em comunidade, e a escola é um local de convivência que afirma a interdependência entre todos os seres humanos. Por isso, é um espaço privilegiado para aprender a viver nossas relações com mais qualidade.

Círculos temáticos

"O que nós decidimos fazer com o conflito é o que pode se tornar violência, ou não."

Depoimento de um aluno

Os círculos temáticos dedicaram-se a temas sugeridos pelos jovens, pela direção ou pelos próprios facilitadores, a partir da necessidade percebida nos Núcleos de Paz. Além do grupo que estava envolvido no projeto, vários outros jovens foram convidados a participar, até o ponto de se incluírem turmas inteiras.

Momentos ricos de aprendizado foram partilhados entre alunos, professores, diretores, educadores e abertos a todos que quisessem participar: falando e ouvindo, mediados pelo bastão da palavra, em exercício de respeito mútuo e de oportunidade de falas igualitárias, como o processo circular propõe.

Os temas apresentados nos encontros pareciam, em um primeiro momento, "inócuos", de senso comum entre os adolescentes — como a fofoca, a intriga e as "zoações". Porém, quando os jovens aprofundavam as discussões no grupo, eles mesmos percebiam a relevância desses temas na convivência e sua própria implicação nas histórias narradas e nas suas consequências. Nessa dinâmica, os alunos abriram espaço para perceberem-se co-responsáveis por boa parte da violência vivida por eles dentro e fora da escola.

Além da fala, o silêncio também pôde ser ouvido. Um dos círculos, cujo tema era "O que começa quando termina", surgiu para apoiar a despedida dos alunos do 9º ano e ajudá-los a refletir sobre suas perspectivas de futuro. A tensão presente no silêncio inicial falava da dificuldade que os alunos sentiam em tocar no assunto. Após a passagem silenciosa do bastão da fala, quando poucos alunos se manifestaram, a facilitadora, percebendo que o silêncio não era motivado pelo desinteresse e sim pela inibição, fez a seguinte pergunta: "O que me impede de falar?". Abriu-se então espaço para a manifestação de um sentimento muito presente naquele momento de transição: o medo. Medo da rejeição, de ficar exposto, da crítica, "de levar uma patada"— como disse um aluno. O grupo pôde então acolher o medo da exposição, que aparecia também como alegoria do medo de um futuro desconhecido, que poderia reprovar a entrada na vida adulta. As poucas falas, a expressão corporal e o silêncio concretizavam esse cenário.

O processo circular, através do estímulo à expressão das emoções e das histórias cotidianas referentes ao tema, ajudou os jovens a entender melhor os sentimentos envolvidos, percebendo que não eram questões individuais, mas parte de um processo do grupo como um todo. O princípio do apoio mútuo sem julgamento envolveu o grupo, estimulando cada membro a compartilhar ideias de como poderiam cuidar-se individual e coletivamente. Os jovens se sentiram incentivados a usarem seus recursos humanos para além da visão dos obstáculos externos.

Os temas levaram os grupos a pensarem sobre ações e perceberem-se como atores, que tanto podiam estimular como inibir a violência na escola. As questões mais recorrentes nos círculos temáticos apareceram como desafios das relações interpessoais: amizade, traição, fofoca, intriga, namoro, respeito, hierarquia, autoridade parental e institucional. Entre os círculos que trataram das relações de amizade, a fofoca apareceu como a grande questão. Uma aluna deu o seguinte depoimento: "A fofoca acontece porque a pessoa não sabe conviver com a diferença da outra. Fala sem conhecer". Esta fala foi desencadeada por um vídeo produzido pelos próprios alunos, que havia sido exibido na escola. Nota-se aqui que os círculos temáticos foram ferramentas multifacetadas, pois serviram também para o debate dos vídeos produzidos pelos jovens e para a mobilização de mais alunos para o projeto.

Os processos circulares também apoiaram a equipe de gestão de várias escolas, que sugeriram um "trabalho" com os alunos indisciplinados, em especial com os citados no "livro de ocorrência". Atendeu-se a esta demanda com o objetivo de criar e ampliar o sentimento de responsabilidade de todos os envolvidos, para alcançar um clima mais saudável em sala de aula. Foram promovidas discussões para despertar o sentimento de pertencimento e autonomia dos alunos, respeitando a adesão voluntária — afinal um dos princípios do círculo restaurativo diz respeito ao reconhecimento do sujeito e à consciência de sua responsabilidade sobre escolhas, o que torna incoerente que a entrada para o círculo seja obrigatória (ou aparentemente punitiva).

"A fofoca acontece porque a pessoa não sabe conviver com a diferença da outra. Fala sem conhecer."

Depoimento de aluna

Apresentação dos valores no círculo temático.

"O oposto da lógica punitiva (...) é a restauração da harmonia e do equilíbrio perdidos, em que, diante de comportamentos que desrespeitam a ordem de convivência, busca-se chegar a um acordo que inclua o outro, o diferente, em lugar de puni-lo ou exclui-lo", afirma o livro *Conflitos na Escola: Modos de transformar* (CECIP, 2009). Esta tônica foi discutida em vários círculos, entre os quais um dos primeiros realizados, intitulado "Segunda chance". O encontro começou pela discussão dos valores necessários para uma boa convivência. O grupo mencionou "amizade" e "confiança", e foi estimulado a compartilhar histórias reais sobre a experiência de dar ou receber uma segunda chance de alguém que fosse significativo para a vida do sujeito. Muitas histórias foram contadas, os alunos se sentiram ouvidos e valorizados pela escuta de cada participante do círculo.

Outros temas que os alunos escolheram aprofundar foram a estrutura física da escola, a relação entre alunos e professores — bem como com as outras pessoas desse espaço —, a amizade e a beleza. Muitas vezes o círculo começava com um tema e tomava outro rumo diante de uma história compartilhada que mobilizava o grupo. O foco era o tecido da vida.

As muitas falas e sentimentos compartilhados entremearam-se ao desafio que os jovens têm de se expressarem. A experiência lhes permitiu refletir sobre o ato violento, e se este não estaria vinculado à dificuldade de articulação verbal. A semente da solução habita no próprio enfrentamento da questão, pois ao convidar as pessoas para falarem de seus desafios, eles podem situá-los de forma mais compatível com seu real tamanho. Essa possibilidade despertou a vontade de discutir suas crenças até o fim e questioná-las, encorajados a perceber as diferenças como possibilidades novas, e não só como oposições.

"Quando termina algo a gente tem esperança de que algo vai começar", disse um aluno. Toda a equipe aprendeu que despertar um tema é renascer com ele.

Círculos para lidar com conflitos

Os círculos destinados à resolução de conflitos se formaram pela demanda de seus respectivos atores, participantes ou não do projeto, que geralmente pediam auxílio para o desdobramento de situações interpessoais que se interpunham na convivência escolar.

Os conflitos geralmente eram traduzidos em brigas, intrigas e ameaças — tanto entre alunos quanto envolvendo alunos e professores. O palco era o próprio ambiente escolar: salas de aula, pátio, refeitório. A violência era apontada por todos como desgastante e desestimulante para o convívio escolar. Com esta demanda presente nas escolas, fazia-se necessário criar um espaço de escuta, onde jovens e adultos pudessem parar e viabilizar uma resposta criativa para a convivência, que não terminasse em violência.

Inicialmente, os conflitos eram discutidos em terceira pessoa. Porém, com a integração do grupo — incluindo a adaptação do facilitador à dinâmica da escola —, as pessoas puderam enfrentar o conflito implicando-se nele. Permitiram-se ver o conflito e vivê-lo, abrindo mão do controle sobre seu desfecho. Assim nasceram e se desenvolveram os círculos para lidar com os conflitos propriamente ditos.

Questões referentes a desentendimentos puderam ser aprofundadas, abrindo-se oportunidades para o diálogo e o desenvolvimento da habilidade de escuta. Nos círculos, os jovens foram estimulados em sua capacidade reflexiva sobre os elementos que frequentemente desencadeiam os conflitos mais observados na escola.

Questões referentes a desentendimentos puderam ser aprofundadas, abrindo-se oportunidades para o diálogo e o desenvolvimento da habilidade de escuta.

Círculo temático na E.M. Gastão Penalva.

O ato violento reside na afirmação da supremacia da necessidade de um, em detrimento do bem-estar do outro. Essa negação, manifesta nas relações escolares através de abuso verbal, físico ou psicológico, também é um reflexo social das violências estruturais, que implicam em violações dos direitos civis, sociais, econômicos e culturais.

Apresentamos a seguir exemplos de círculos que aconteceram durante o projeto, desencadeados por alguma situação de violência. Em comum a todos os relatos, está a capacidade humana de superação da situação de violência sofrida ou imposta. Para que haja essa transformação, as pessoas precisam estar dispostas a se sensibilizarem pela história de todos no círculo, sem focar em papéis estereotipados, reduzidos aos rótulos de culpados e inocentes. Ao responsabilizar-se por sua escolha, cada um pode elaborar de maneira diferente o que se passou, permitindo a restauração dos vínculos e da estrutura que sustenta o convívio não somente na escola, mas na vida.

O professor e o Facebook

Um dos círculos tratou da propagação de um vídeo mostrando um professor que se desentendeu com sua turma, perdendo o controle e gritando com os alunos. A cena foi gravada por um aluno e publicada no Facebook sem a autorização do professor. Muitos alunos compartilharam o vídeo e fizeram comentários sobre o professor e sobre sua atitude, o que trouxe grande desconforto para a equipe escolar.

O professor aceitou o convite do facilitador e o grupo foi convidado a formar um círculo, ao qual aderiram voluntariamente cerca de 30 alunos

da turma, embora desconfiados. A fim de facilitar seu acolhimento e segurança, foram esclarecidos o propósito do encontro e o objetivo do projeto, e apresentada a dinâmica do círculo. O grupo conversou sobre os impactos do vídeo, sua contribuição para construir uma versão do ocorrido e suas consequências sobre a imagem do professor e do próprio grupo.

A turma teve a oportunidade de reconstruir passo a passo a situação ocorrida. Nas primeiras falas, os alunos se distanciaram da situação, referindo-se ao professor como único ator do conflito: "Ele surtou do nada, nos chamou de delinquentes", disse um dos alunos. A facilitadora propôs então uma série de rodadas de reflexão onde cada participante enfocasse sua parte na cena. Gradativamente, passaram a pensar nos valores que possuíam, a perceber sua posição na situação conflituosa e a se colocar no lugar do professor. A partir desse exercício de olhar para si e para o outro, alguns participantes se emocionaram e o grupo pôde se humanizar e enfim enxergar de maneira mais ampla o comportamento do professor, percebendo as várias tentativas de comunicação com a turma, antes de seu descontrole. A turma percebeu sua responsabilidade no episódio e se propôs a reavaliar a publicação do vídeo no Facebook. Foi sugerido, ao final do círculo, que esse espaço de conversa fosse retomado junto aos professores e alunos em outro momento. O professor, que a princípio não se sentia confortável para participar do grupo, a partir do círculo ficou mais confiante para retomar a turma e pedir desculpas por seu descontrole.

Nesse episódio, o respeito legitimado pela própria estrutura do círculo, que dá a cada um a oportunidade de vivenciá-lo e exercê-lo, auxiliou os alunos a perceberem a importância desse valor para a convivência, conscientizando-se sobre a reciprocidade de suas atitudes.

Núcleo rachado

Em uma escola do projeto, as meninas integrantes do Núcleo de Paz "subitamente" pararam de se falar, dividindo-se em dois grupos. Na verdade, o conflito entre elas vinha de antes, e o estopim foi justamente a participação no Núcleo. Ciúmes e intrigas crescentes terminaram com uma situação constrangedora: o book de fotos de uma das meninas foi escondido por outra, que acabou flagrada pela coordenação da escola e foi acusada de tê-lo roubado.

Separadamente, as duas partes procuraram a facilitadora pedindo para realizar um círculo sobre o episódio. O grupo tinha 11 meninas, que já nos lugares escolhidos para sentar demonstraram sua posição: de um lado quatro meninas, do outro cinco, enquanto duas eram neutras na situação. A pergunta que abriu o círculo foi sobre o que tornava cada uma

"O professor, que a princípio não se sentia confortável para participar do grupo, a partir do círculo ficou mais confiante para retomar a turma e pedir desculpas por seu descontrole."

Depoimento da facilitadora

mais humana. Sucederam-se as seguintes respostas: “Sou muito amiga”, “Sei perdoar”, “Ser verdadeira em qualquer lugar, não querendo agradar a todas”, “Ser eu mesma, não ser falsa” “Não guardar rancor. Sigo a minha vida prestando atenção ao que eu faço. Faço as coisas pensando em mim e no outro também porque não quero machucar ninguém”. Três meninas do outro grupo passaram o bastão, se abstendo de falar.

A facilitadora sugeriu que os valores trazidos até aquele momento pareciam ser comuns a todas, e que seria muito importante que pudessem se colocar verdadeiramente para se conhecerem e esclarecerem as diferenças que estavam dificultando as relações. O motivo da realização do círculo também foi reafirmado: a oportunidade de se ouvir o grupo, que sempre fora reconhecido pela sua coesão. Afinal, a situação causava estranhamento em todos e por isso mesmo os dois lados se prontificaram a formar um círculo para conversar. Foi relembrado o vídeo que o grupo tinha realizado junto, que trazia o título “A união faz a força”.

Uma das meninas, que não quisera se manifestar, ao pegar o bastão começou a chorar e a dizer que não tinha sido verdadeira com o grupo. Contou que pegou o book, que outra menina havia esquecido na sala, e o escondeu em sua mochila. Porém não entendia exatamente por que tinha feito isso. Ao contar, elaborou que tinha o desejo de vingar-se de situações onde havia se sentido desrespeitada. A amiga que estava ao seu lado também começou a chorar, e de repente quase todo o grupo estava chorando.

O grupo entendeu que ser verdadeiro é um ato de coragem e que a “mentira” foi a maneira que a colega encontrou para chamar a atenção da amiga que tinha descumprido acordos implícitos na relação. A colega, do grupo “oponente”, também se desculpou. Todos puderam falar do medo que sentiram e da tristeza pela divisão do grupo.

Foram momentos impactantes, pois todos sentiram o tremor e a sinceridade das falas no círculo. As mudanças de expressão conforme o bastão ia passando eram visíveis, a tensão do maxilar se transformava em sorriso e a testa franzida em relaxamento do olhar. A experiência transformou a todos, inclusive a facilitadora, pois ali estava o paradoxo de ser humano: quando expomos nossos equívocos na convivência é que mais somos companheiros na relação.

A dona do book falou de seu súbito medo quando a oponente disse: “Você ficou com medo da gente, deu as costas pra gente porque não nos conhecia”. Esta fala fechou o círculo com chave de ouro, pois era como se a pergunta feita no início fosse respondida ali: todos somos humanos e o medo é fruto do desconhecimento da reação do outro. Após muito

“A experiência transformou a todos, inclusive a facilitadora, pois ali estava o paradoxo de ser humano: quando expomos nossos equívocos na convivência é que mais somos companheiros na relação.”

Depoimento da facilitadora

choro, com um sorriso, uma menina filosofou: “Porque a vida é assim, né?”. No final, para falar sobre o que tinha ficado após aquele encontro, usou as palavras alívio, liberdade e felicidade.

Na festa de final de ano, o grupo se reuniu para comer chocolates. Em cada semblante, descontração e alegria na convivência.

Coragem para não brigar

Um aluno dá um tapa na cara do outro. No dia seguinte, o aluno agredido leva um facão para a escola. A diretora adjunta transfere o aluno que trouxe o facão para o período da manhã. O aluno que deu o tapa fica no mesmo turno, causando revolta na turma. Uma aluna filma uma das brigas e publica na internet. Para completar, diversos episódios de violência física ocorrem na escola em um mesmo dia, quando professores faltaram e os alunos estão sem aula.

Diante desse clima de tensão geral instaurado na escola, a direção decidiu pedir ao Núcleo de Paz que realizasse um círculo restaurativo.

Depois de explicar aos alunos as regras do encontro, a facilitadora sugeriu que os participantes entrassem em um acordo de valores, para que a conversa pudesse acontecer mesmo diante de temas delicados, opiniões diferentes e o provável nervosismo que isso geraria. Os valores levantados pelos alunos foram: papo reto, sinceridade, falar a verdade, não agir com preconceito, amor no coração, humildade. A partir dessas palavras foi pedido que explicassem o que elas significavam para cada um. Os alunos, então, começaram a se conectar com sua própria fala, refletindo sobre sua compreensão a respeito daqueles valores.

A segunda rodada foi aberta com a pergunta: “O que leva a gente a brigar?”. O que tira a gente do sério a ponto de pensarmos que o único recurso é a briga? Seguiram-se muitas falas, quase unânimes: uma atitude que estimula a briga é “botar pilha” um no outro. O professor presente, no entanto, usou sua fala para queixar-se da falta de respeito dos alunos. Seu tom de “lição de moral” ameaçava quebrar o clima de confiança que começava a se estabelecer, mas o bastão continuou circulando e os alunos voltaram a falar.

Se botar pilha estimula a briga, por que a gente bota pilha? E por que a gente cai na pilha? Em sua vez de falar, a facilitadora revelou que fica muito irritada consigo mesma quando “cai na pilha” de outra pessoa: “Fico com a impressão de que perdi o poder da minha própria vida, de que entreguei esse poder para outra pessoa me dizer o que fazer. Isso é

"Fico com a impressão de que perdi o poder da minha própria vida, de que entreguei esse poder para outra pessoa me dizer o que fazer. Isso é uma coisa que eu tento controlar, mas que ainda acontece muito comigo."

Depoimento da facilitadora.

uma coisa que eu tento controlar, mas que ainda acontece muito comigo". Embora estivessem atentos ao relato e reflexivos, os alunos não reconheceram que entravam na pilha dos outros. A facilitadora, então, lembrou-os de que um dos valores combinados era a sinceridade, e pediu que todos se reconectassem a ele. Nova rodada, e os alunos passaram a concentrar críticas em um colega – que por sinal não se envolvera em nenhuma briga – dizendo que ele era abusivo nas brincadeiras. Mais uma vez, a facilitadora precisou interromper para lembrar que aquele exercício era para se conectar consigo mesmo, e não para julgar os outros. Não adiantou, as críticas ao menino voltaram, até que o professor questionou: "Qual é o limite?". E essa pergunta abriu uma nova etapa na conversa.

Passaram a falar das brigas e dos limites que foram ultrapassados para elas começarem. Rapidamente ficaram exaltados, cada um querendo contar sua versão para uma briga. Nova interrupção da facilitadora, que relembrou os valores negociados: "A gente colocou alguns valores aqui e me parece que esses valores não estão servindo. Me parece que neste momento respeito não é mais importante pra vocês, diálogo não é mais importante, a calma, a paciência". Eles se acalmaram e responderam: "Não, professora, vamos tentar de novo, isso é importante". A questão concentrou-se no tapa na cara, que teria motivado a briga. O suposto autor do tapa reagiu com agressividade, colocando em risco a continuidade do círculo. Até que, fortemente confrontado por um colega, começou a chorar. Disse que tinha batido, mas não na cara. Chorando muito, contou que já tinha sido expulso de outra escola por causa de uma confusão em que levou um soco. E que sofre bullying em casa.

Depois desse momento de catarse, embora muitos insistissem nas acusações, outros tornaram-se solidários. "A gente não sabe como é que teria agido se estivesse no lugar dele. Ele agiu conforme podia agir. Ele já passou por isso em outra escola, e foi expulso; não podia ser expulso nesta". Um dos meninos disse para ele não pensar que o chamariam de bundão por estar chorando, pois na verdade isso demonstrava coragem. "Você tá agindo com sinceridade porque tá expressando o que você sentiu, coisa que muita gente aqui não tem coragem". Foi um momento bonito do círculo. Mas o clima continuava exaltado: alguns alunos se queixaram de serem sempre culpados por tudo. Um professor citou que um aluno, no dia da briga, estava "parecendo um marginal". Depois de esperar por longo tempo o bastão da fala, o aluno, muito magoado e quase chorando, disse que o professor não tinha o direito de chamá-lo de marginal – e que na situação referida ele na verdade tentara separar uma briga. Quando chegou sua vez, o professor pediu desculpas, se ajoelhou e falou: "Olha, eu quero te dizer que se eu te interpretei mal eu peço desculpas. Você está sempre no meio das confusões, então eu te julguei, agi com preconceito mesmo. Do jeito que vocês ficam no corredor me parecem mesmo marginais, mas eu não quis te ofender. Assim, me desculpe". Todos ficaram bem comovidos.

Um dos meninos levantou e falou: "Olha, eu queria pedir desculpa porque eu vi que eu fiz tudo errado, que eu causei essa confusão". Isso provocou um movimento de todos começarem a se levantar, ir dar a mão para o outro, olhar no olho e falar: "Me desculpa". A facilitadora acrescentou que quando a gente fala a palavra desculpa, quer dizer que está querendo tirar a nossa culpa – o que significa assumir que temos culpa. É uma palavra que estamos acostumados a usar quando queremos restaurar alguma coisa, mas é bom pensar no que aconteceu para estarmos nos refazendo daquilo. Então eles passaram a explicar melhor suas desculpas: "Olha, quero te pedir desculpas porque menti pra você, porque não tive coragem e tô aprendendo a lidar com isso".

Para fechar o círculo, a facilitadora explicou que eles iam atravessar talvez o momento mais difícil: sair daquele ambiente onde a gente se sente seguro para falar das nossas emoções, e voltar para o mundo real. O mundo onde a galera bota pilha. É um momento muito delicado, e a gente precisa cuidar muito para não perder a riqueza que construiu lá dentro. E perguntou: o que é que a gente precisa para cuidar dessas próximas semanas? Os alunos, então, agradeceram ao círculo, à facilitadora, ao professor e aos outros alunos. Todos disseram que iam praticar o respeito. E que iam tentar não brigar mais.

Parte 2

Mobilização:
Cultura de Paz ganha vida nas escolas

A mobilização, aliada à possibilidade de escolha, permeou todos os passos de construção do projeto *Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos*, desde o momento em que as escolas tiveram contato com os facilitadores do CECIP. A apresentação do projeto para os gestores incluiu uma vivência dos processos circulares, para que eles pudessem escolher se gostariam de experimentar, nas escolas em que atuam, outra forma de pensar a convivência, o diálogo e as tomadas de decisão a partir da oportunidade da escuta.

Após esse processo de adesão voluntária, era o momento de iniciar as oficinas de formação. Cada oficina foi pensada e adaptada de acordo com o grupo de escolas envolvido, para garantir que elas se apropriassem dos conteúdos. Esses encontros foram exercícios de convivência, utilizando os círculos como espaços de troca, adotando o bastão de fala para mediar a conversa e pautando-se sempre nos valores que os participantes apresentavam como norte para o cuidado, a motivação e o respeito em relação a todo o grupo.

Esse espírito mobilizador, calcado na Cultura de Paz, ganhou vida nas ações das 50 escolas integrantes do projeto. Cada uma encontrou sua forma de contar para os outros que ali ganhava corpo um grupo de agentes da paz, e que gostaria de envolver mais pessoas no processo.

No CIEP Ismael Nery, em Santa Cruz, logo no início do projeto, a diretora transformou as fitinhas coloridas distribuídas durante a sensibilização em grandes faixas grafitadas, com textos como “A violência não comunica o que você não conseguiu falar”.

No segundo ano do projeto na escola, a professora da mesma escola, com o apoio de alunos de diferentes turmas, utilizou ferramentas como o mural da escola e os fanzines para divulgar as oficinas e aprendizados, convidar os alunos a pensar sobre a Cultura de Paz e sobre o que mais poderia ser feito para melhorar o espaço de convivência.

A estratégia utilizada pela Escola Eunice Weaver foi construir murais que a cada mês prestavam uma homenagem a personagens da história, referências na promoção da paz — como Nelson Mandela, Gandhi e John Lennon. Também foi instalado um espelho na entrada da escola, acompanhado da seguinte frase: “Veja quem pode contribuir para uma Cultura de Paz na escola”.

Com a proposta de mobilizar outras pessoas, a Escola General Mendonça Lima construiu um cartaz para a festa junina com a enquete “O que é violência?”. Quem passasse por ele poderia responder e as diversas respostas foram apresentadas no formato de mural, com uma mostra ampla do que a escola pensa sobre o tema.

Eu, espelho do outro!

Uma professora de sala de leitura desenvolveu uma forma de os alunos se reconhecerem nas próprias reivindicações, saindo do lugar de quem apenas reclama para propor formas de transformar.

A professora se incomodava com a correria e com o barulho durante o intervalo, e escolheu algumas turmas para fazer uma dinâmica chamada por ela de “Faz de conta que eu sou...”. Os alunos escreviam o que eles mudariam se fossem o diretor ou um inspetor, o que os levou a refletir sobre quem produzia o barulho e quem corria nas escadas. Eles entenderam que reclamavam das coisas que eles próprios faziam. A professora os convidou a produzir um trabalho de divulgação desse resultado na escola, e juntos montaram uma equipe de alunos que propunha outras atividades no intervalo – brincadeiras mais cuidadosas com o outro, e com menos correria.

O incômodo e a observação também fizeram os alunos perceberem que a escola oferecia poucos espaços para a troca e a conversa. Muitas vezes as escadas ocupavam esse papel, o que não era muito confortável. Como alternativa e com o apoio da professora referência, da coordenadora pedagógica, da facilitadora do CECIP e de integrante do projeto Bairro Educador, o grupo de agentes da paz planejou a construção de bancos feitos de garrafa PET.

Esta iniciativa é um bom exemplo do quanto vivenciar um processo qualifica a teoria. Com os processos circulares e a justiça restaurativa não é diferente. Eles envolvem responsabilidade e tomada de decisão diante das escolhas do dia-a-dia capazes de alterar a convivência no ambiente escolar. E não há personagem específico encarregado de promover essa mudança de paradigma: todos os envolvidos são também convidados a se responsabilizar.

Oficinas de vídeo

No segundo semestre de 2012, as iniciativas mobilizadoras das escolas ganharam um importante aliado: os agentes de paz participaram das oficinas de vídeo Megapixel*, produzindo filmes e exibindo-os em mostras.

Primeiramente foram realizadas oficinas coletivas, reunindo escolas da mesma Coordenadoria Regional de Educação (CRE), para que os jovens tivessem contato com a metodologia Megapixel. Utilizada há muitos anos

**Para saber mais sobre Megapixel, ver material no CD desta publicação.*

Oficina de vídeo.

pelo CECIP, consiste em ensinar a produção de vídeo como uma maneira simples de se expressar, promover a reflexão e envolver diferentes atores sociais, utilizando como ferramentas principais uma máquina digital e muitas ideias na cabeça. Um ponto alto desses encontros foi a troca de experiências entre jovens de escolas diferentes.

Após as oficinas coletivas, foram agendadas oficinas em cada escola, com o apoio do facilitador Megapixel e da facilitadora do projeto. Os jovens tiveram a oportunidade de pensar como gostariam de abordar o tema da convivência e, na sequência, produziram um vídeo e o exibiram para diferentes turmas da própria escola. Com isso, conseguiram abrir um diálogo a partir de situações reais e de ficção.

Vídeo produzido pela E.M. Jenny Gomes.

Entre desafios — falta de computador ou de programas adequados, ausência de infraestrutura nos laboratórios de informática, falta de professor para acompanhar os alunos — as oficinas coletivas e por escola representaram a concretização de muitos círculos e bate-papos sobre como o conflito e a violência aparecem no cotidiano de cada escola. Os alunos se familiarizaram com o software e o utilizaram de forma criativa, na produção de curta-metragens (a maioria de até 3 minutos) com temas em torno de paz, amizade, conflitos amorosos, respeito e diferenças de opinião dentro da escola.

Durante a oficina na 4ª CRE, os alunos da Escola Cardeal Câmara, junto com os facilitadores, decidiram fazer um vídeo na sala de música da escola, que tem adaptação acústica mas não é utilizada por falta de

um professor da disciplina. O tema do vídeo foi “Faça cultura, não faça violência”. Os alunos aproveitaram a produção do vídeo para expressar sua vontade de utilizar a sala e de ter aula de música, convidando outras pessoas a pensar sobre esse assunto.

Na Escola Quintino Bocaiúva, os jovens produziram um vídeo sobre a banalização da violência em formato de *stop motion* (fotografias animadas em sequência) e gravaram o áudio diretamente no computador, o que garante maior qualidade do que a máquina digital na captação do som. O resultado foi um vídeo que espelha a identidade dos jovens, com inovação de linguagem e qualidade na finalização.

Na Escola Chico Mendes, em Santa Cruz, a produção do vídeo mobilizou diferentes atores dentro da escola, dos alunos mais tímidos aos “frequentadores da sala da diretora” (por serem exemplos de indisciplina segundo os professores). Participaram representantes de salas com idades variadas e formaram-se grupos estratégicos — como os responsáveis por compor músicas e apresentá-las aos colegas em forma de pagode ou funk.

Mostras individuais

O principio básico das mostras era valorizar a produção da escola e envolver mais atores na reflexão sobre o tema proposto. Para isso, o grupo de agentes da paz fazia uma seleção prévia dos vídeos a serem exibidos e escolhiam temáticas que pudessem contribuir para a melhora da convivência na escola.

Houve mostras realizadas na sala de aula, no pátio, na sala de leitura, na sala de informática e até na sala dos professores. Algumas com projetor e em grande tela, outras no notebook. Algumas seguidas de círculos temáticos ou círculos de avaliação, mas todas valorizando o trabalho realizado pelo grupo de agentes da paz.

Mostra individual de vídeos.

Para sensibilizar o olhar para o vídeo e a produção audiovisual dentro do ambiente escolar, cerca de dez

escolas do projeto assistiram ao longa-metragem *As melhores coisas do mundo*. A partir do filme da diretora Laís Bodansky, os grupos discutiram sobre respeito, diferença, poder de escolha e responsabilidade.

A mostra individual da Chico Mendes ocorreu em dois dias. No primeiro, o vídeo foi apresentado na sala dos professores, que se identificaram bastante com a proposta dos alunos. No segundo dia de mostra foram necessárias quatro sessões, pois muitos alunos se interessaram não apenas em assistir mas, também, em integrar o projeto.

Na Escola General Mendonça Lima, do bairro da Pechincha, a facilitadora teve dificuldades para agendar um horário para a mostra, por isso aproveitou a festa da turma do 9º ano para fazer a apresentação dos vídeos. O resultado foi uma boa surpresa: mistura de curiosidade, satisfação ao ganharem as fitinhas com frases reflexivas sobre conflitos e violência e, principalmente, o desejo de construir novos vídeos para escola, integrando-se ao grupo do projeto.

Na Escola Francisco Campos, no Grajaú, a facilitadora selecionou vídeos de diferentes escolas. A turma reagiu com risos e muitos comentários de identificação. Após a exibição dos vídeos, foi proposto um círculo voltado para a construção de valores. A pergunta central foi: "O que é mais importante para você numa relação?".

E se experimentar faz toda a diferença, o laboratório foi o caminho da Escola Charles Dickens, de Campo Grande, que produziu nove filmes diferentes, alguns muito curtos, outros com mais de 10 minutos. Aprendizados que contribuíram muito para um novo processo de produção.

Escolas recebendo o kit na grande Mostra de vídeos no Unicirco Marcos Frota.

Encerramento da grande Mostra de vídeos com educadores das escolas, representantes das CREs e equipe do Cecip.

Vergonha e orgulho foram as duas sensações mais percebidas entre os jovens durante as mostras. A divulgação do produto final auxiliou na assimilação dos princípios do projeto, oferecendo aos alunos uma resposta concreta sobre o que é a construção da Cultura de Paz na escola e a quem pertence essa autoria. A consciência do potencial de transformação do projeto ficou clara na avaliação feita em círculo e por meio de um questionário, onde todos puderam compartilhar como foi prazeroso fazer e assistir aos vídeos.

A grande Mostra

Para promover o encontro de todas as escolas, a exibição dos filmes produzidos e a reunião da equipe do projeto e de outros parceiros, foi realizada, no dia 29 de novembro de 2012, no Unicirco Marcos Frota, na Quinta da Boa Vista, a grande Mostra de vídeos do projeto *Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos*.

Estiveram presentes cerca de 650 alunos e educadores de 45 das 50 escolas do projeto. Na ocasião, tornaram-se plateia e protagonistas dos vídeos preparados pelos jovens, para os outros e para eles mesmos. O propósito principal não estava na qualidade audiovisual, na movimentação de câmera ou nas atuações. A mostra representou a grande oportunidade de fazer ecoar, de forma criativa, questões como brigas por causa de namoro, o esforço de professores e merendeiras, as necessidades de melhora no espaço físico da escola e a banalização da violência — em busca de meios de conviver com paz, valorizando um dos principais elos criados pelo ambiente escolar: a amizade.

Parte 3

Reflexões

Parte 3

Avaliação:
várias vozes, diferentes aprendizados

Um projeto focado nas relações e no convívio é repleto de variáveis. Ainda mais trabalhando junto às escolas municipais do Rio de Janeiro, com suas realidades radicalmente distintas: algumas em regiões que mais se assemelham à zona rural, outras vizinhas de vias expressas, algumas em comunidades violentas, outras em bairros de elite.

A avaliação e o monitoramento do projeto *Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos* foram processos ao mesmo tempo complexos e essenciais para o trabalho. Para tentar captar as várias perspectivas e pontos de vista dos participantes, criamos diferentes instrumentos e metodologias. O material — coletado durante dois anos por meio de observação, questionários, entrevistas, depoimentos, reuniões e processos circulares — serve de norte para reflexões mais profundas sobre o impacto do projeto e os desafios presentes nas escolas.

A avaliação não é um processo inteiramente objetivo. Os dados qualitativos e quantitativos espelham, em primeiro lugar, os diversos pontos de vista de quem vivenciou o projeto: facilitadores, alunos, professores, gestores. A própria formulação dos instrumentos, e depois sua aplicação e a interpretação dos resultados, passam pelo filtro e a experiência da equipe do CECIP. Ou seja: os participantes fazem seus próprios recortes, e interpretamos os resultados como nos é possível. Agora esses dados e interpretações chegam até um novo personagem: você, leitor, que com sua própria experiência também vai analisá-los de outro modo.

Esperamos que essas múltiplas visões possam ser compartilhadas, para fornecer dados complementares e aprimorar as ações nas escolas.

Instrumentos básicos de avaliação

Afinando os instrumentos

Os cinco facilitadores acompanharam presencialmente as ações nas 50 escolas, em visitas quinzenais. Em **reuniões** semanais, a equipe do CECIP trocava informações sobre cada etapa do projeto, obtidas por observação, mapeamento e avaliação junto aos participantes e gestores. Em reuniões mensais com o Grupo Gestor e instituições que trabalham com as Escolas do Amanhã, pudemos acompanhar de perto outras estratégias da SME. Também aconteceram reuniões com as CREs e as escolas no início do ano letivo para ajustar as ações planejadas.

Os **questionários** foram criados para avaliar, junto aos participantes do projeto, as reuniões de adesão e as oficinas, bem como a implementação das ações e seus potenciais efeitos. Foram aplicados em diferentes momentos ao longo dos dois anos. Fornecem informações valiosas para a análise do impacto, por identificar onde houve mudanças que possam ser atribuídas ao projeto e por revelar alguns fatores favoráveis para as escolas desenvolverem o seu potencial.

Além dos questionários por escrito, foram feitas **entrevistas** sobre o impacto do projeto com gestores de treze escolas. A seleção dessas escolas seguiu os seguintes critérios:

- Oito escolas desenvolvendo seu potencial: com gestor, educador e alunos comprometidos com o projeto;
- Cinco escolas com desafios: dificuldades na gestão, falta de educador e pouco envolvimento dos alunos.

Procuramos exemplos extremos para aprender com o contraste entre as escolas e identificar, na medida do possível, os fatores que contribuíram para os resultados obtidos. Quisemos levantar quais são as condições que potencializam o impacto do projeto nas escolas, e assim poder encaminhar, junto à SME e às escolas, estratégias que promovam estas condições.

As entrevistas foram gravadas com garantia de anonimato. Durante a maior parte delas, houve interrupções devido às demandas típicas do dia-a-dia escolar. De qualquer forma, foram mais longas do que o planejado, sinal de que os gestores se envolveram e quiseram contribuir para essa reflexão.

Por fim, o projeto incorporou, como um poderoso instrumento para aprofundar os conteúdos da avaliação, uma de suas principais estratégias: o **processo circular**.

O processo circular na avaliação

Ao analisar as respostas dos questionários, percebemos que até mesmo os alunos que tinham fortes opiniões sobre os assuntos e gostavam de expressá-las nos círculos, na hora de escrever sentiam-se muito constrangidos: as respostas eram curtas, quase telegráficas.

Optamos, então, por fazer uma avaliação em formato circular, com os alunos e educadores do projeto. Os círculos foram gravados e depois transcritos. Nesses encontros, os alunos relataram vários aspectos de aprendizado e mudança na convivência e em sua relação com a violência. Puderam também expressar sua opinião sobre as oficinas, os encontros nas escolas, os círculos e as ações realizadas por eles, destacando o que foi mais motivador e o que os auxiliou para a efetiva multiplicação da Cultura de Paz na escola.

Mapa das escolas participantes

Arte do mapa desenvolvida por Vinícius Ladeira, Ingrid Viter e Eloana Baldo.

CRE 1

1 E.M. Gonçalves Dias
2 E.M. Jenny Gomes
3 E.M. Pereira Passos
4 E.M. Vicente Licinio Cardoso

CRE 2

5 E.M. Francisco Campos
6 E.M. Panamá
7 E.M. Lourenço Filho

CRE 3

8 E.M. Oswaldo Cruz
9 E.M. José Veríssimo
10 E.M. Ministro Gama Filho
11 E.M. Brigadeiro Faria Lima
12 E.M. Rio Grande do Sul

CRE 4

13 E.M. Cardeal Câmara
14 E.M. Ministro Lafayette de Andrada
15 E.M. São Paulo
16 E.M. Nerval de Gouveia
17 E.M. Clotilde Guimarães

CRE 5

18 E.M. Pará
19 E.M. Conde Pereira Carneiro
20 E.M. Paraguai
21 E.M. Evangelina Duarte Batista
22 E.M. Quintino Bocaiuva

CRE 6

23 E.M. Alberto José Sampaio
24 E.M. Cyro Monteiro
25 E.M. Andrea Fontes Peixoto

CRE 7

26 E.M. Alberto Rangel
27 E.M. José Clemente Pereira
28 E.M. Compositor Luiz Gonzaga
29 E.M. General João Mendonça Lima
30 E.M. 25 de abril
31 E.M. Marechal Canrobert Pereira da Costa
32 E.M. Eunice Weaver

CRE 8

33 E.M. Jacques Raimundo
34 E.M. Madre Benedita
35 E.M. Ramiz Galvao
36 E.M. Presidente Roosevelt
37 E.M. Jornalista Sandro Moreyra
38 E.M. Costa do Marfim
39 E.M. Presidente Médici

CRE 9

40 E.M. Gastão Penalva
41 E.M. Professor Castro Rebello
42 E.M. Presidente Antônio Carlos
43 E.M. Venezuela
44 E.M. Charles Dickens

CRE 10

45 E.M. Bertha Lutz
46 E.M. Ponte dos Jesuítas
47 E.M. Professora Myrthes Wenzel
48 E.M. Bento do Amaral Coutinho
49 CIEP Ismael Nery
50 E.M. Sindicalista Chico Mendes

Conhecendo o terreno

Para entender as características das escolas, de seu contexto e principalmente das relações entre alunos e professores, foi realizado um mapeamento nos primeiros meses de entrada do projeto nas escolas (segundo semestre de 2011), por meio de questionário aplicado pelos próprios alunos *.

Os resultados permitiram uma análise exploratória sobre as percepções e opiniões de alunos e educadores quanto a um conjunto de tópicos representando o Clima Escolar. Alguns temas dão o que pensar:

* Esta etapa, que precedeu a escolha dos participantes, coletou 759 questionários preenchidos por alunos e 300 questionários preenchidos por educadores, funcionários e gestores.

Respeito e convivência

"Os alunos se tratam com respeito". A maioria dos alunos (68,5%) discordou desta sentença e apenas 7% concordaram plenamente com ela. Por outro lado, 62% dos alunos afirmaram respeitar os professores, e estes não têm a mesma opinião: apenas 20% afirmam serem respeitados. Esses números indicam uma falta de comunicação, ou de entendimento, sobre o que é respeito para uns e outros. A discussão deste tema melhoraria muito o clima (e portanto a aprendizagem) na escola.

* Esta etapa coletou questionários junto a 39 das 50 escolas participantes.

Escuta e valorização da participação do aluno

"...os alunos têm uma percepção mais negativa do que os adultos sobre o clima na escola."

"A equipe da escola valoriza o que os alunos têm a dizer". Enquanto 39,5% dos alunos discordam desta sentença, entre os educadores o percentual é bem menor: 10,5%. Ou seja, os alunos se sentem menos valorizados do que os adultos acham que os valorizam. É preciso investigar que práticas acontecem em sala de aula (e fora dela) para gerar esta discrepância nas percepções de alunos e professores. Outra questão que obteve respostas diferentes foi sobre o envolvimento dos alunos nas decisões da escola, sobretudo em assuntos que lhes interessam: 80% dos educadores acreditam que essa participação existe efetivamente, enquanto 55% dos alunos sentem-se com possibilidade de participar.

Em resumo, os alunos têm uma percepção mais negativa do que os adultos sobre o clima na escola. Isso afeta as relações sociais naquele espaço, bem como a constituição dos sentimentos individuais de segurança e autoestima.

Vínculos na escola

Para 74% dos alunos, soa verdadeira a afirmação "A maioria dos meus professores não conhece como minha vida é fora da escola". Quase a mesma porcentagem de educadores (73%) discorda da frase "Os adultos não sabem sobre a vida de seus alunos fora da escola". Fica evidente o escasso reconhecimento mútuo na relação entre professor e aluno.

"Criar um vínculo. Eu acho isso importantíssimo. A ferro e fogo você não consegue nada." *(diretora)*

Segundo os professores, é prática comum conversar em particular com determinados alunos sobre interrupções ocorridas na sala de aula — a opção "muitas vezes" foi escolhida por 70,4% deles. Mas apenas 10% dos alunos disseram que isso acontece. Mais de 50% dos alunos afirmaram nunca ter tido tais conversas com os professores. Quanto a conversas sobre preocupações e sentimentos dos alunos, a discrepância é maior. Para 86,6% dos professores, isso acontece "muitas vezes" (46,5%) ou "algumas vezes" (40,1%). No entanto, 63,3% dos alunos responderam nunca ter participado de conversas assim com seus professores.

Com quantos adultos de sua escola você pode contar para conversar, caso tenha algum problema? A essa questão, 23,3% dos alunos afirmou que não pode contar com nenhum adulto. Pouco mais de 40% respondeu que pode contar com um único adulto em sua escola.

Os dados apontam para um distanciamento na relação entre professor e aluno. Ou pelo menos na percepção que cada grupo tem sobre determinadas situações. É fato que um professor possuirá muito mais alunos com os quais pode realizar conversas particulares do que um aluno possuirá professores com esta proximidade. Por isso, a probabilidade de que eventos como estes ocorram no cotidiano do professor é bastante superior à probabilidade de um aluno ter este tipo de experiência. Ainda assim, os contatos por parte dos professores são preferencialmente de ordem acadêmica, e muitas vezes configuram cobranças e repreensão, o que só faz aumentar a relação vertical entre professor e aluno. Esses profissionais se sentem pressionados, pois apesar de 90,5% deles se declararem apaixonados pelo que fazem, 61,2% se sentem frustrados e não reconhecidos pelo seu trabalho.

Outro problema a desafiar essa relação: quase a metade dos alunos (48,9%) afirma ser muitas vezes difícil prestar atenção às aulas por conta de problemas extramuros.

Impactos do projeto

As respostas dos alunos e professores aos questionários de avaliação trazem indícios da eficácia do projeto.*

** Esta etapa coletou questionários junto a 39 das 50 escolas participantes.*

Percepções dos educadores e dos alunos sobre impactos do projeto (%)

Fonte: *Perguntas 25, 26, 27, 37 do Questionário de Avaliação dos Educadores Participantes.*
Perguntas 23, 24, 25 e 34 do Questionário de Avaliação dos Alunos Participantes.

Os jovens percebem mudanças e transformações na vida pessoal, em sua compreensão sobre conflitos e sobre formas de lidar com eles, no desempenho escolar e na vida de outras pessoas além dos participantes do projeto.

Vários educadores também ressaltaram a mudança de comportamento dos alunos que participaram das oficinas. Mencionaram o crescimento e ampliação das ações do projeto — a cada encontro uma novidade — como fatores que geraram expectativa e motivação no grupo.

No gráfico da página anterior, observamos que a maioria dos participantes notou alguma **contribuição do projeto para suas vidas pessoais**. Também foi alto o reconhecimento de alunos (88,5%) e educadores (75%) quanto a mudanças na sua compreensão sobre questões pertinentes aos conflitos e à violência, bem com sobre as formas de lidar com elas. Os educadores pareceram mais otimistas na percepção de que o projeto possa beneficiar outras pessoas além da escola.

Entre os 87% de alunos que afirmaram que o projeto trouxe contribuições para suas vidas, esse impacto foi explicado pela redução dos conflitos, pela mudança na forma de lidar com conflitos, pela melhoria na convivência com outras pessoas, pelo fato de o projeto lhes deixar mais "calmos" e por um maior autocontrole — quando, por exemplo, um aluno afirma que parou de arranjar confusão. Quando os alunos se referem à melhora da convivência, expressam que o projeto lhes ensinou formas de lidar com os outros, a escutar e ouvir, e os fez refletir sobre suas atitudes e comportamentos.

"Eu deixei de ser uma pessoa cheia de raiva." *(jovem)*

Mudanças também foram relatadas por 76% dos educadores. Um deles afirmou que o projeto o fez repensar o conflito com seu filho mais velho. Os professores dizem que passaram a ouvir mais os alunos, consideram que se tornaram mais tolerantes e que aprenderam a se colocar no lugar do outro. Alguns afirmaram que o projeto ajudou a visualizar os conflitos de forma mais abrangente, a entender o pensamento do outro, suas razões e motivações.

"Conhecendo melhor meus alunos, posso conviver com nossos conflitos." *(professor)*

"Eu acho que o projeto mudou muito a minha vida. Me enganaram quando me convidaram para ser a educadora, eu nunca imaginei que iria ter de participar, de falar. Me ajudou muito a me expressar melhor, a pensar que dá pra tratar o aluno diferente do que eu estava acostumada." (educadora)

O projeto teve impacto no desempenho escolar ou nas notas, na opinião de 71,9% dos alunos. Eles indicaram melhorias relacionadas ao convívio com outras pessoas, por estarem mais atenciosos e focados (seja nas salas de aula como nos estudos em casa), se expressando melhor, entendendo as pessoas e se sentindo mais confiantes e seguros. Alguns alunos, portanto, associam o fato de aprenderem a conviver — claramente identificado como um dos benefícios do projeto — à melhora no desempenho escolar. Esta convivência traduz-se em maior integração com os outros alunos e com os amigos, mas também em melhor relacionamento com os professores. Afirmam que começaram a ouvir mais os professores e, por conseguinte, as aulas. O aumento da atenção também foi associado por alguns alunos à redução da bagunça nas salas de aula e ao fato de o projeto lhes deixar mais calmos, permitindo a concentração.

"Consigo ver o outro lado da discussão." *(jovem)*

Nos questionários, a ideia de "participação" não se limitou à simples presença passiva: ganhou ares de **protagonismo e responsabilização**. Os conteúdos das respostas deixam de ser "Ajudei com a minha presença" e passam a figurar na forma de "Participei, falei e ouvi", "Contribui com a minha opinião", "Ajudei a pensar, a fazer e a manter".

Na avaliação em círculo, os jovens demostraram sua percepção sobre necessidades do outro e sua responsabilização pelos próprios atos.

"Aprendi a ter mais responsabilidade nos meus atos, nas coisas que eu falo, e a perceber que... a tratar as pessoas do mesmo modo que eu quero ser tratada; tipo, se eu não quero ser xingada, eu também não vou xingar." *(jovem)*

Com o desenvolvimento do projeto, começaram a se posicionar sobre as situações de violência na escola. A maioria dos jovens percebeu a sua própria mudança de comportamento, assumindo postura mais ativa, como exemplificou uma aluna: "Antes a gente via e ficava parada olhando, só. Hoje em dia a gente já pensa que pode ir lá, conversar, falar, perguntar por quê; como a gente aprendeu no CECIP pra se aplicar na escola".

Nas entrevistas, os gestores também apontaram a responsabilização e a autonomia como exemplos de valorização do papel do jovem na escola. A estrutura do projeto propiciava isso, pois as atividades precisavam ser divulgadas e envolver toda a escola se quisessem alcançar efetividade para além do ciclo imediato de participantes. Os gestores manifestaram a necessidade de envolver um número maior de jovens para fortalecer esse processo.

"Ainda mais quando fala assim: filmar, né? Faz com que o jovem tenha certa responsabilidade. Você consegue fazer com que ele veja aquilo com uma responsabilidade; porque às vezes a gente passa as coisas muito prontas para eles." *(gestor)*

"Eu acho que tudo ainda é uma aprendizagem, só vejo ponto positivo. Eles aprenderem a pensar... a serem autônomos para que resolvam eles mesmos. Ainda estão nessa fase de aprendizagem, vai demorar, mas a gente conquista isso aí aos poucos." *(gestor)*

Também alguns adultos puderam ultrapassar o automatismo da estratégia punitiva: "Eu sempre vi as outras pessoas só punindo o aluno, punindo; e a partir do projeto a gente conseguiu abrir um pouco a mente das outras pessoas e mostrar que não é só punição; o diálogo é superválido pra solucionar todos os conflitos no geral", relatou uma educadora.

Nos círculos avaliativos, o aspecto mais destacado pelos alunos foram as **mudanças relacionais**. A maioria percebeu-se diferente, relatando maior consciência e disposição para a escuta e o diálogo. "Aprendi a ser mais paciente, poder resolver os conflitos sem briga, numa forma de conversa", afirmou um aluno.

O autocontrole e a tolerância foram habilidades mencionadas por vários alunos que se reconheciam como agressivos na relação com o outro, inclusive em sua família. "Eu mudei, eu parei de chamar o Vinícius de cachorro", disse um deles. Mudança que começa a interferir também nas relações de terceiros. Como relatou um aluno: "Eu consegui me controlar mais em relação ao bullying que acontece, e consegui também conversar com outras pessoas para também não praticarem isso".

"Em casa, na família, na escola; com meus familiares principalmente, que eu era ignorante, muito agressiva. Porque às vezes eu me magoava com as palavras, e aprendi que às vezes a sinceridade machuca demais; aí eu mudei muito depois que entrei no projeto, com a família. Na escola, que eu era muito ignorante, não tolerava nada, os outros falavam e eu já queria partir pra briga, eu mudei muito, maneirei um pouco, soube conversar e resolver os conflitos de maneira mais fácil." *(jovem)*

Muitos se tornaram atentos para a escuta do outro. "Eu comecei a ver de outra forma, agora eu entendo mais as pessoas, como elas são, os problemas delas — que também conflito é gerado por problemas; então eu comecei a compreender o que as pessoas falam", disse uma aluna.

Uma educadora relatou que fez várias "descobertas", referindo-se ao conhecimento de questões dos estudantes que podem ser expostas nos círculos. Outra realçou a empatia conquistada, ao perceber-se mais próxima dos alunos: "Ah, eu mudei bastante coisa, né? Eu olhei os problemas dos alunos mais de perto, que eu desconhecia, da personalidade; e passei a vê-los com outros olhos a partir do momento que conheci um pouco de cada um, no nosso círculo aqui".

Estas falas sintetizam a **proximidade alcançada entre alunos e professores** que participaram juntos dos círculos, o desenvolvimento da escuta e da empatia entre eles. O resultado, em algumas escolas, foi a percepção da mudança de comportamento de alunos — "respeitando mais os professores" — e professores — "falando melhor com a gente".

A percepção de estarem **mais aptos para se expressar** foi traduzida pela palavra "calma". Muitos alunos se autoconceituaram assim. Os colegas também reconheceram a mudança no grupo: "O nosso amigo Marcos Willian ficou mais calmo" — ao que outra aluna acrescentou: "Eu achei que todo mundo ficou mais calmo, né?".

"Ah, eu acho que eu tô mais calma. E agora, tipo assim, pra resolver um conflito eu tenho mais diálogo com as pessoas." *(jovem)*

Os alunos identificaram, dentro deles mesmos, a criação de um espaço para reflexão, no lugar do impulso para uma resposta violenta. Essa dinâmica fez-se notar durante o próprio exercício de avaliação em círculo, onde cada um esperava a sua vez de falar e aguardava a fala do outro, mesmo que ela divergisse da sua. O projeto ajudou os jovens a criar um **repertório de respostas não-violentas**, que podem utilizar na hora de um conflito. Passaram a entender que divergir não significa que uma opinião precisa sobrepor-se à outra.

Diferenciar conflito e violência é um dos aprendizados do projeto, embora para os jovens ainda seja difícil expressar esse entendimento. Demarcam o conflito como algo inerente à vida e às relações, que pode ser resolvido sem violência: "Eu consegui aprender que o conflito não precisa ser levado já pra uma briga; pode se resolver na conversa", explicou uma aluna. A violência ainda é identificada com a agressão física e como algo a ser evitado, como expôs um jovem: "Pra mim conflito é uma discussão, né? Violência é você agredir a pessoa fisicamente; porque conflito você está discutindo com a pessoa, por mais que você fale palavras ou xingamentos. Quando você agride ela, é uma violência".

As atividades propostas pelos facilitadores aos poucos foram, com muita criatividade e disposição, adaptadas para o cotidiano da equipe escolar

e, em muitos casos, envolveram alunos de turmas variadas e professores de diferentes disciplinas. Uma escola criou um bastão de fala gigante e colocou no mural, como uma forma de instigar e promover uma conversa sobre como ouvimos uns aos outros.

"O bastão possibilitou a legitimação das diferenças, dando lugar a cada participante como um igual dentro do círculo."

O bastão da fala foi reconhecido como importante estratégia mediadora. Através dele os alunos perceberam a **necessidade de organizar a fala em grupo** para que ela pudesse ser audível. O bastão possibilitou a legitimação das diferenças, dando lugar a cada participante como um igual dentro do círculo. Isto foi sentido e exposto pelos alunos: "Ajuda mais pra você conversar; é um jogo, uma regra que você tem que respeitar; pra todo mundo poder falar, entendeu? Cada um na sua vez, na sua hora, certo?". Seu uso representa o reconhecimento à liberdade de expressão na coletividade: "É um objeto muito importante nos nossos círculos, porque a gente vê que quem está com ele é que está falando, que tem o poder de falar. E as pessoas que não estão com ele só têm o poder de ouvir. Depois, quando o bastão passar, elas poderão demonstrar sua opinião e falar um pouco", lembrou um aluno.

As oficinas, os círculos e os encontros de grupos foram citados como etapas marcantes e importantes para a troca de experiências. Uma educadora ressaltou o aspecto lúdico das dinâmicas: "O que eu achei mais importante foi o encontro, as oficinas. O mais legal são as dinâmicas, né? Porque a gente descontrai e aprende também".

As ações concretas — em que os alunos puderam limpar, pintar e decorar os espaços da escola, ou montar e inaugurar os Núcleos de Paz — foram vistas como **oportunidades de integração do grupo** e estratégias de divulgação que deram **visibilidade para os integrantes** do projeto. Porém as atividades que mais fizeram sucesso na opinião de todos os grupos foram a produção de vídeos e as mostras organizadas para exibí-los, descritas como divertidas e recompensadoras.

Um aluno resumiu com simplicidade o que sustentou o interesse e comprometimento de muitos educadores e jovens na multiplicação da Cultura de Paz na escola: "Foi bem divertido, foi bem legal poder dividir o que faz a gente feliz com as outras pessoas que a gente gosta".

Desafios identificados

Alguns dados contribuem para identificar as áreas em que o projeto pode ser melhorado — informações de grande valor para que todos possamos aprender.

A **violência nas comunidades** interferiu no andamento do projeto. Os jovens convivem com relações conflituosas não resolvidas, em alguns casos violentas — em casa ou por envolvimento, direto ou indireto, com o tráfico ou a milícia. Por causa da violência no entorno, algumas escolas acharam inviável participar do projeto por enquanto. Em 22% das escolas participantes, a violência do entorno prejudicou as atividades do projeto, com o cancelamento recorrente de ações previamente agendadas, por motivos de segurança.

Em 22% das escolas participantes, a violência do entorno prejudicou as atividades do projeto, com o cancelamento recorrente de ações previamente agendadas, por motivos de segurança.

O **envolvimento dos gestores e professores** é outro ponto fundamental para o sucesso das ações, e em muitas escolas isso foi um desafio. A formação do grupo de jovens depende desses profissionais, responsáveis pela logística dos encontros, o agendamento e as autorizações para que os alunos fiquem na escola fora do seu turno. É necessário prever uma infraestrutura mínima para que o projeto se instale nas escolas. Embora algumas dessas condições tenham sido pactuadas no momento da adesão ao projeto, a falta de recursos humanos tornou inviável a participação de algumas. Sem a formação contínua do educador, os conceitos do projeto têm menos chance de se enraizarem: podem ser levados pelos alunos para suas vidas (o que é muito positivo) mas sem mudar a cultura na escola. Falta descobrir formas de garantir mais tempo de interação entre o educador e os alunos, levando o campo de aprendizagem para fora da sala de aula.

Em suas entrevistas, os gestores lamentaram o pouco envolvimento das turmas, abaixo do esperado apesar da divulgação. Avaliam que isso aconteceu por falta de **disponibilidade de tempo** para apoiarem a facilitadora e os alunos do projeto. Demonstram também estar conscientes da complexidade de lidar com conflitos na escola, e sabem que a comunidade escolar como um todo precisa estar envolvida. "Tratar a questão do conflito é uma questão especial, problemática, de risco: você está lidando com cabeças diferentes e nem sempre as pessoas estão prontas para ouvir", comentou um gestor.

A figura do educador responsável pelo projeto na escola teve muita importância no desenvolvimento das ações. Na maior parte dos casos, o educador participou do início ao fim, e em apenas 10% das escolas houve troca de educador. Mesmo assim, foi notável a dificuldade das escolas em encontrar um educador para acompanhar o projeto, devido ao corpo

de funcionários reduzido. Com a **sobrecarga de trabalho** do educador e da própria gestão, algumas escolas (10%) preferiram se desligar do projeto após várias ausências nas oficinas.

Mesmo em meio às dificuldades inerentes à carreira, 46% dos educadores tiveram um envolvimento muito bom no projeto. Alguns acompanharam todos os encontros e auxiliaram os alunos a desenvolverem as atividades quando o facilitador não estava na escola. Outros 24% dos educadores não acompanharam o projeto tão de perto — mas continuaram sendo uma referência na escola. Cerca de 12% dos educadores foram muito ausentes no desenvolvimento do projeto e 18% das escolas não contaram com um educador responsável, o que trouxe dificuldades para os alunos participarem das atividades e para articular ações com a gestão.

Esses depoimentos demonstram a necessidade de a escola ter um espaço no qual os alunos, depois, possam falar sobre si mesmos e sentir que estão sendo ouvidos por pessoas que dão valor ao que eles têm a dizer.

Um efeito do projeto que merece atenção é a **reação de estranhamento** por parte do aluno participante: no Núcleo de Paz ele é ouvido, participa, sua fala é valorizada, mas na sala de aula quem está no centro das atenções é o professor, as regras são dele e o aluno, muitas vezes, se anula. Cabe tanto ajudar o jovem na transição dos vários espaços, quanto sensibilizar este professor a se arriscar a fazer diferente, a perceber que este aluno, num ambiente de diálogo, assume responsabilidades e aprende melhor.

O **deslocamento para as oficinas** foi um empecilho para alguns educadores, que muitas vezes têm mais de uma matrícula e não estão disponíveis no contra-turno, período em que ocorrem as oficinas. Foi proposto às CRE e diretores das escolas um rodízio do educador presente nas oficinas, caso necessário. Além de garantir a presença dos alunos, essa estratégia ajudou a disseminar o projeto na equipe escolar. Tanto educadores quanto alunos mencionaram, como pontos negativos, a **periodicidade** (quinzenal) e o **horário** dos encontros (no contraturno).

Um aluno lamentou o fato de o projeto "não continuar acompanhando as pessoas do conflito". A observação parece muito pertinente, e indica ser necessário **ampliar a parceria com a gestão**, pois a escola precisa se integrar mais ao projeto para dar conta desse acompanhamento. Outra aluna questiona a metodologia do projeto, ao afirmar que há "ocasiões [em que] a conversa pode não funcionar". Mesmo sem esclarecer a qual contexto se refere, ela demonstra que é preciso **fortalecer o entendimento** de que o processo circular se faz em várias etapas, entre elas a da responsabilização, e não se trata de "somente" conversar.

Esses depoimentos demonstram a necessidade de a escola **ter um espaço no qual os alunos e educadores possam falar sobre si mesmos** e sentir que estão sendo ouvidos por pessoas que dão valor ao que eles têm a dizer. Vários alunos ressaltaram a importância da dimensão subjetiva

dos conflitos, enfatizada pelo projeto. Gostariam de falar "sobre o que sentimos", "problemas sentimentais", "conflitos interiores". Todos os depoimentos refletem a vontade dos alunos em transformar seu espaço de convivência, passo fundamental para uma Cultura de Paz.

Como ampliar os resultados do projeto

A partir dos resultados de avaliação apresentados neste capítulo, identificamos algumas condições que fortaleceriam as mudanças já em curso, contribuindo para o avanço da resolução de conflitos e a implantação da Cultura de Paz na escola e na comunidade.

Em diversas escolas foram feitos **levantamentos dos principais casos de conflito e violência**. A partir desse diagnóstico – em sua maior parte construído subjetivamente e a partir da observação e registro das brigas e desentendimentos nas escolas – a gestão, o educador de referência, a equipe de agentes de paz e os facilitadores planejaram juntos as ações de intervenção como círculos temáticos, dinâmicas e promoção do diálogo. Esse diagnóstico específico, e realizado coletivamente, favorece muito todo o desenvolvimento do projeto.

A **aproximação com a família** é fundamental. Para isso, é preciso recebê-la de forma que se sinta à vontade no espaço escolar. A escola precisa construir essas pontes, lembrando que aquele ambiente intimida muitos pais, que não têm necessariamente boas lembranças da escola. É preciso ajudá-los a mudar essa percepção, para garantir o sucesso de seus filhos.

Alguns gestores mencionaram que o projeto contribuiu para alterar a imagem que a comunidade tem da escola: passaram a vê-la como aliada no desenvolvimento de seus filhos, à medida que a família se sentiu acolhida. As estratégias utilizadas nessas escolas precisam ser compartilhadas, para servirem de inspiração a outras que desejem ter as famílias como parceiras na educação de suas crianças.

"Os alunos são na maioria da comunidade. Isso é um ponto a nosso favor, né? Porque assim, (...) apesar de, eu acho, ter aumentado a agressividade neles — o que é um ponto negativo — ao mesmo tempo eles são cuidadosos, por exemplo, com os menores, por serem conhecidos: é meu primo, é meu vizinho. Então o fato deles terem essa proximidade, esse vínculo, fora da escola, facilita porque você numa situação de necessidade, de querer informar alguém, tem alguém que sabe: ele é meu primo, é meu irmão, eu dou o recado. Então, isso é um ponto positivo, né?" *(gestor)*

"Aqui, os pais usam muito a expressão: 'Vou te entregar pro Conselho Tutelar'", contou um gestor. Percebe-se na frase um equívoco quanto aos papeis da escola e da rede de apoio à criança e ao adolescente. Também os pais têm medo de serem denunciados pela escola ao Conselho Tutelar, seja por violência doméstica seja por excesso de faltas do aluno, ou pelo não comparecimento à escola quando solicitados. Existe, portanto, uma distorção no entendimento do Conselho Tutelar, muitas vezes visto como punitivo e não como uma ferramenta de apoio e encaminhamento para a família e a escola.

Segundo os gestores, a princípio o Conselho só é acionado para o encaminhamento da FICAI (Ficha de Comunicação de Aluno Infrequente). Eles evitam comunicar casos de violência, que tentam resolver dentro da escola. Nenhum relatou ter feito um convite aos conselheiros para desenvolver qualquer trabalho de esclarecimento dentro da escola, seja com alunos, familiares ou funcionários.

Por tudo isso, um desdobramento fundamental do projeto seria apoiar os gestores e educadores no **diálogo com os Conselhos Tutelares**, visando a reforçar a rede de garantias de direitos das crianças e adolescentes.

O **grêmio escolar** é outra instância estratégica para ampliar os resultados do trabalho com jovens. Muitos dos participantes do projeto indicados pelos gestores já eram membros do grêmio em sua escola, alunos com perfil comunicativo e atuante. No entanto, segundo um gestor, "os grêmios existem, mas não existem". Percebe-se a necessidade de discutir abertamente o papel e o potencial do grêmio nas escolas. Os jovens o utilizam para planejar atividades de lazer, a maioria ligadas à organização de eventos e festas. Já os gestores acham que o grêmio devia ajudar nas atividades da escola como um todo, de forma genérica. É preciso fortalecer a participação do grêmio nos Conselhos Escolares, reuniões de planejamento e outros espaços de reflexão e decisão.

Os jovens que formam o grêmio parecem desconhecer seu objetivo "histórico": o potencial de participação nos processos de melhoria da escola e da sociedade, de reivindicação e organização estudantil. Seria interessante retomar, quem sabe na aula de história, como e por quê nasceram os grêmios, a importância que tiveram na história do Brasil, como e por quê foram esvaziados — e a partir daí criar um novo grêmio, com funções definidas no coletivo e interlocutor da gestão da escola.

"A escola como espaço de acolhimento, de saber, de construção, de mediação... que não seja o espaço da bronca, da chatice"

Depoimento de uma diretora

Com base nesses e em vários outros potenciais, desafios e demandas, organizamos uma lista de ações quem podem orientar os próximos passos do projeto, no sentido de tornar o convívio mais prazeroso no espaço escolar. Essa lista nasceu da colaboração de todos os que participaram das entrevistas, dos questionários, de bate-papos informais nas escolas, nas CRE e na SME:

- Incluir das ações de promoção da Cultura de Paz no Projeto Político-Pedagógico da escola (PPP)
- Promover a autonomia e a participação dos alunos nas decisões da escola
- Duplicar os participantes do projeto nas escolas, fortalecendo o envolvimento da equipe
- Promover a sensibilização de funcionários
- Promover a sensibilização de responsáveis
- Contar com a equipe de gestão como parceira do projeto
- Negociar com a escola a liberação de horas do educador para acompanhar o projeto
- Criar espaços para compartilhar informações sobre a Cultura de Paz e outras mudanças propostas pela escola na reunião com os pais, de forma divertida e envolvente
- Divulgar o projeto em outras escolas
- Envolver a comunidade, criando oportunidades de parceria
- Discutir temas relevantes – como o papel do grêmio, por exemplo – ajudando os alunos a organizarem seu pensamento e traduzir este pensamento em ação
- Criar espaços propícios à livre expressão dos jovens, onde possam externar seus sentimentos e opiniões

Depoimentos

Memórias de uma equipe em movimento

Depoimento
Flavia Fassi Samel

Cheguei muito animada em imaginar como seria trabalhar diretamente com o sistema de ensino público, com uma ONG que eu não conhecia, com um grupo de trabalho em que ninguém se conhecia e com um novo papel, o de coordenadora da equipe. Foi fácil prender minha atenção, com tanta novidade ao mesmo tempo. Me senti aberta, curiosa e com aquele clássico frio na barriga que novas experiências trazem junto. Quando recordo o que se passou nos últimos dois anos, me vejo dentro de um álbum de fotografias gigantesco e com um silêncio que me toma por completo.

Respiro.

Descobri muitas coisas. Aprendi que minha curiosidade é minha maneira de ser persistente, acreditar no que ainda não conheço. Quero descobrir uma escola que ainda não existe, que nem sabemos como seria. Descobri que tenho muita vontade de aprender junto, mesmo que às vezes eu atropele o outro com essa minha vontade. Descobri que gosto de dizer mais sim do que não, e que preciso aprender a dizer um pouquinho mais de não. Descobri que não tenho muita paciência para reuniões intermináveis onde não há uma troca constante. Descobri que preciso respirar mais antes de abrir a boca para falar. Descobri que sei fazer planilhas Excel gigantescas, com mais informação que qualquer pessoa possa querer ler. Descobri que gosto de apoiar um grupo a ser mais leve. Descobri que não levo as pessoas para nenhum lugar, eu vou junto. Descobri que tem gente pacas querendo mudar o mundo e que parece que estamos presos em estruturas que fazem tudo ficar mais lento. Descobri a frustração de se sentir pequena diante de certas situações, e com isso aprendi a aceitar que minha ação faz diferença mesmo que seu impacto seja invisível. Descobri que é fácil mudar, difícil é acreditar que é fácil. Descobri como quero fazer diferente o que fazemos igual e não nos serve mais. Descobri que não aguento ver grades nas escolas. Descobri a diferença entre telefonar e escrever um email: com a voz, o que falamos e o que ouvimos é como um jogo de frescobol, pela escrita, tem mais cara de jogo de tênis. Descobri que minhas crenças sinalizam as paredes do que eu vejo, e para construir novas portas e janelas eu preciso ser capaz de rever o que acredito. Descobri que tenho uma ideia muito distorcida do tempo e que preciso aprender a planejar sempre o dobro do tempo que eu pensei que seria necessário para fazer algo.

Descobri que a violência é uma sequência tão ampla de eventos e escolhas que costurar seu caminho requer muita vontade e vulnerabilidade. Vontade para iniciar um diálogo com quem não queremos, muitas vezes, nem ver a cara. Vulnerabilidade para assumir que a dor é compartilhada. Podemos até acusar alguém de nos ter machucado, mas a dor nunca poderá ser acusada de pertencer somente a uma pessoa.

Descobri que, na hora H, quem machucou dói tanto quanto quem saiu machucado. E o "tanto" dessa dor não é uma questão quantitativa, de quem sentiu mais ou menos. Quando digo que dói "tanto quanto" no outro, é porque a dor faz parte de ambos os mundos. A dor precisa se tornar uma ponte, comunicar entre os mundos nos quais traçou seu caminho. Aprendi que é nesse momento de conexão que podemos construir algo diferente e novo.

Eu não quero fazer diferente por fazer diferente. Gosto do diferente porque é a chance de descobrir algo junto.

Depoimento
Ladisséa Silva

A primeira vez que ouvi falar em Justiça Restaurativa foi quando participava da Rede Criança Baixada. Pra saber mais sobre o tema fizemos um grupo de estudo e ficamos apaixonados, era algo transformador. Queríamos divulgar esse método de lidar com os conflitos e com a violência, então surgiu a ideia de realizarmos um seminário para as instituições que faziam parte do Sistema de Garantia de Direitos. Para tal, convidamos pessoas que estavam à frente desta discussão no Brasil, no que fomos gentilmente atendidos. Uma dessas pessoas foi Monica Mumme, que trabalhou o tema no âmbito da Educação. Como sou professora em uma escola estadual, procurei saber mais sobre os círculos restaurativos na Educação. No ano seguinte, soube que o CECIP estava fazendo seleção de pessoas para trabalhar em um projeto sobre Justiça Restaurativa e Educação, não pensei duas vezes e enviei o currículo. Não sabia muito bem como seria, mas percebi a chance de aprender muito.

Fui selecionada, e parece que foi ontem, mas já se passaram quase dois anos. Neste tempo o aprendizado foi constante com os jovens nas escolas, nos círculos onde o simples ato de ouvir o outro era algo novo para eles. Então nos demos conta de que a escuta é um exercício diário, e para isso o uso do "bastão da fala" foi fundamental. Também aprendemos com a dura realidade institucional das escolas, extremamente hierarquizadas, onde o poder é exercido de forma vertical, o que é um reflexo das relações governamentais. Os(as) educadores(as) nos ajudaram a nos movimentar neste espaço escolar. Aprendemos com os encontros e desencontros.

Aprendemos com nós mesmos. A equipe do Núcleo de Paz do CECIP foi fundamental. Tínhamos tantas coisas para falar, tantas histórias para serem divididas em nossas reuniões, queríamos ouvir a opinião umas das outras, pedir ajuda. A equipe foi o porto seguro. Chegávamos carregadas de alegrias, preocupações e desilusões, e saíamos com novas perguntas, com dinâmicas e muitas vezes com a seguinte fala: "Eu vou com você, ser seu apoio". Vimos no nosso dia-a-dia o quanto é difícil assumir os conflitos e falar sobre eles. Esse aprendizado foi importante para redimensionarmos os nossos objetivos.

Os desafios foram muitos: pessoal, em equipe e com as instituições que direta ou indiretamente nos relacionamos. Alguns são vencidos no cotidiano, passo a passo, em outros o processo é de longo prazo, mas não impossível.

Chego ao final deste primeiro ciclo do projeto me sentindo mais fortalecida e segura como educadora, mais atenta a mim e ao outro, deixando que os conflitos venham mais à flor da pele. Não sei quem disse essa frase, mas gosto muito dela: "A felicidade não é ausência de conflito, é a habilidade de lidar com ele". Obrigada a todos pelo aprendizado de cada dia.

Depoimento
Patrícia Munçone

Em 2010, eu terminara um casamento na ânsia de encontrar um novo sentido para a vida que estava levando. Sempre fui da área de comunicação e cinema, mas, sinceramente, nunca estava satisfeita com os resultados obtidos. "Algo estava faltando". Estava convencida que "aquilo não era para mim". Ao mesmo tempo, não tinha ideia do que poderia fazer. Comecei a conversar com várias pessoas no intuito de "sentir" algum outro caminho me chamando. Foi quando Monica Mumme me convidou para trabalhar no CECIP, no Núcleo de Educação para "Pais".

Até aí estava tudo ótimo. Atuar num Núcleo de Pais, onde, imaginava eu, poderia conversar com eles sobre conflitos com os filhos, que eu tão bem conhecia. Sou gaúcha e "paz", para nós, se pronuncia "pass". Aceitei na hora. Ela me deu o endereço do site www.cecip.org.br e comecei a ler os materiais. Só então descobri que se tratava do Núcleo de Educação para a Paz.

A entrevista estava marcada para a próxima semana, às 10h. E pensar que eu, que acabara de me separar, teria que lidar com Cultura de Paz, resolução de conflitos, Justiça Restaurativa (?): entrei em pânico. Liguei para Monica e disse que não tinha condições de aceitar o convite. Pois se eu saía de uma separação, com todas as mágoas e desafios que esse processo traz, sentindo-me incapaz de perdoar rompantes emocionais naturais ao momento, como iria atuar para facilitar o diálogo, a possibilidade de perdão e restauração em relações conflituosas? Monica, visionária, propôs que eu tentasse, afinal eu tinha tempo e estava disposta a aprender. Aceitei. Fiz a entrevista. Fui contratada. Ela saiu de férias me deixando a "simples e fácil" tarefa de ler os projetos e livros sobre Justiça Restaurativa, Conflitos na Escola, Mestres da Mudança.

E o que parecia simples e fácil derrubou meu mundo. A cada leitura eu entrava mais em crise, questionando se seria realmente capaz de estar num Círculo de Construção de Paz com alguém que tivesse me causado qualquer sofrimento que fosse. Eu arriscaria novamente meu coração numa relação que já provara que me feriria? Eu daria do fundo da alma uma nova chance a alguém? Simultaneamente, fui percebendo que, ao mesmo tempo em que me perturbavam intensamente, muitas coisas lidas ecoavam no profundo do meu ser, trazendo a memória de que nem sempre eu havia tido medo, de que um dia eu mesma acreditara no perdão. Chorei muito. Senti-me vulnerável, exposta, pequena. Tive muito receio de decepcionar, me decepcionar. Impressionante como um projeto podia causar tantas angústias numa única pessoa, em tão pouco tempo. Nisso vi a força transformadora potencial que o projeto possuía e que estava se operando em mim. Resolvi encarar o desafio. Fora picada pelo bichinho da Cultura de Paz.

Outras pessoas foram chegando e percebi em cada uma a mesma perturbação e brilho que a experiência me causava. Ufa! Eu não estava sozinha. As pessoas queriam procedimentos, certezas, resultados. Monica, pacientemente, dizia que era no processo que o projeto iria se construir, que era fundamental que a adesão das escolas, dos jovens, de quem quer que pretendesse entrar, fosse espontânea. Parafraseando Caetano Veloso — que ao ser questionado sobre a existência Deus respondera "Gil acredita em Deus e eu acredito em Gil" — nos momentos de incertezas eu recorria à fé: "Monica acredita na Justiça Restaurativa e eu acredito em Monica".

Outro fator foi fundamental: a oficina de Processos Circulares ministrada por Kay Pranis. Em São Paulo e no Rio, acompanhando as oficinas dessa pessoa monumental, pude experimentar as profundas e concretas mudanças que o círculo provoca na vida e na alma da gente. Fui percebendo que ouvir e falar abertamente sobre como nos sentimos, sem interrupções pelo uso do "bastão da fala", produz um efeito catártico, restaurador, libertador. O mesmo se revelou ao ter tempo e disposição para escutar verdadeiramente o outro, suas subjetividades, sua forma de ver o mundo, o que comunica além das palavras, com seu corpo, seu olhar, seus gestos. Reconhecer que a fala do outro não é uma extensão das minhas ideias. É viva, orgânica, própria. O bastão da fala possibilitou olhar para fora, em volta. Descobrir que num ato conflituoso existe um universo de pessoas que são envolvidas direta e indiretamente, e essas pessoas têm muito a dizer, a contribuir, estão e estiveram ali.

Principalmente, aprendi que o círculo, sendo horizontal, assegura às pessoas a igualdade de poderes. O poder está distribuído naquele grupo e não em um ou outro indivíduo. No círculo, nenhum de nós é mais poderoso do que todos nós juntos. Reconhecer isso foi uma mudança de paradigma. Agora restava levar aos outros todo o arsenal de percepções e preciosos aprendizados obtidos. A intensa trajetória vivenciada na compreensão do projeto foi muito útil para compreender o que as pessoas sentem ao se deparar com a mudança de paradigma que o projeto propõe. Mesmo diante de muita resistência, principalmente dos adultos, era promissor ver o brilho no olhar e as lágrimas brotando quando finalmente era percebida a grandiosidade do Processo Circular de Construção de Paz operando.

Com os jovens o tempo é outro, a terra é fértil, as sementes são abundantes, o potencial de criar, criar e criar é imenso. Vêm com o chip que conecta os processos de paz, de amor, de alegria brilhante, de justiça. Basta que os adultos proporcionem as mínimas condições que eles ampliam, estendem, disseminam, multiplicam ações e fazem do mundo um lugar muito melhor para se viver! Nesses dois anos privilegiados, foi possível vivenciar esse potencial todo em ação. Gratidão profunda!

Depoimento
Maria Mostafa

O trabalho como facilitadora do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos *significou para mim, em muitos sentidos, um grande aprendizado. O primeiro contato com o método dos processos circulares me apresentou um mundo em que se comunicar durante os conflitos era possível. Até então, lidar com conflitos, principalmente numa sala de aula, era um peso que tornara a minha prática docente endurecida e desmotivada. Ao entrar no projeto, uma porta de esperança se abriu: era possível aprender uma outra forma de trabalhar as relações de convivência dentro da escola.*

Depois dessa primeira grande descoberta veio um duro caminho: o aprendizado de como a rede municipal de Educação é extensa e complexa. Não foi fácil localizar as escolas, entender as estruturas de funcionamento da Secretaria, das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) e de cada escola, mapear esse mundo novo de ônibus, trem, metrô e outras formas de transporte alternativo. Me deslocar pela Avenida Brasil pra cima e pra baixo todos os dias. Me perdi, me desesperei, fui ajudada por pessoas de todos os tipos. Desenvolvi um pânico de passarelas de pedestres. Conheci bairros, caminhos e realidades tão diferentes e ao mesmo tempo tão próximas da minha. Me conectei a dez escolas. Aprendi os trajetos, não me perdi mais, nunca mais atravessei uma passarela, decorei os nomes das diretoras, adjuntas e coordenadoras pedagógicas. Entendi os processos de gestão. Enfim cheguei! Passei a sentir um grande alívio por conseguir me movimentar agilmente em estruturas que eu agora conhecia bem. Mas ainda faltava uma parte essencial nessa história toda: os jovens. Ainda não havia chegado nos jovens!

O que fazer para tocar os alunos com o tema da resolução de conflitos? Como adequar esse lindo método à realidade desses meninos e meninas cariocas? Mais uma enxurrada de aprendizados. O maior de todos eles: escutar os jovens, me deixar impactar pelas suas realidades, me sentir pequena diante da gravidade dos problemas sociais que afligem nosso mundo. Escutar muito foi a única maneira para ensinar a escutar. Ainda bem que os jovens me ensinaram isso, ainda bem que a ferramenta chamada "bastão da fala" fazia parte de todos os nossos encontros. Esperanças renovadas, aprendizados incorporados, soluções encaminhadas e eu transformada!

Depoimento
Rafaela Pacola

Quando decidi sair de São Paulo, o desejo que me impulsionava era: preciso que a vida faça mais sentido. Eu sempre estive envolvida em atividades comunitárias e o olhar para o social entrava na minha vida sempre em ritmo crescente. Mas a minha principal atividade era no mundo corporativo, com um trabalho um tanto burocrático e outro tanto automático. Ao final de todos os dias, meu corpo descansado mas não nutrido e minha mente estafada e descontente sempre me faziam pensar que a vida poderia, por que não?, ser algo mais integrado.

Eu poderia, sim, trabalhar em algo que me fizesse querer levantar da cama com entusiasmo todos os dias. E poderia também viver em uma cidade que me alimentasse mais, eu que sempre fui uma amante da natureza. Impulsionada por esse pensamento, me mudei para o Rio de Janeiro. E foi ao encontrar com uma amiga querida, que sempre me contava com um brilho no olhar e a maior empolgação sobre o trabalho que fazia num projeto sobre resolução de conflitos nas escolas, que soube da abertura de uma vaga para facilitadora nesse projeto.

Pronto. Desse momento em diante todos os meus pensamentos vibravam para que fosse eu essa nova facilitadora, mesmo sem ter entendido exatamente do que se tratava. Comecei a ler a bibliografia indicada pelo CECIP e me encantei. As rodas de conversa e consenso das quais eu participava nos encontros de comunidades alternativas, a atenção à escuta sobre a qual falava o pessoal da comunicação não-violenta, tudo aquilo seria instrumento para o meu trabalho.

As vibrações funcionaram e fui contratada. E aí se iniciou um caminho de aprendizados profundos, lentos, mas muito transformadores.

Desenvolver um vínculo com os jovens que eu só encontraria a cada quinze dias no contraturno das aulas, ir a escolas do outro lado da cidade, ficar no mínimo duas horas dentro do ônibus e falar sobre violência com jovens que viviam em um contexto social onde a violência é vista como autodefesa e questão de sobrevivência... não parecia uma tarefa fácil. Ainda mais se tratando de assuntos tão complexos e íntimos como os que abordávamos ao falar de conflito. Ao contrário do que pensei no princípio, o retorno dos jovens aconteceu, e com uma intensidade que muitas vezes me impressionou.

Nossos encontros são sempre recheados de compartilhamento, de cuidado, e mesmo quando tratamos de assuntos muito tristes e dolorosos, a alegria inexplicavelmente se faz presente. E que alegria eu sinto ao ouvir de pais ou de alguém da equipe escolar sobre a mudança positiva no comportamento desses jovens! E que surpresa tamanha a mudança nos adultos que acompanhavam os jovens no projeto! Adultos que eu ouvia com tanta atenção e que, na minha visão de iniciante nesse mar aberto que é a educação, eram cheios de sabedoria e certezas. Vê-los dispostos a se questionar sobre a forma de lidar com os conflitos na escola e em suas vidas pessoais me deu uma baita lição de vida e de humanidade.

Percebo hoje que o mais belo é ver que todo o meu aprendizado pedagógico só pôde ser partilhado no momento em que foi incorporado em mim. E nas minhas andanças por apoio nos estudos, li uma frase de Paulo Freire que expressa muito bem meu sentimento: "Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes".

Depoimento
Simone Petitet

Entrar no CECIP pela primeira vez e fazer uma entrevista de avaliação pareceu-me desafiador até o momento em que me encontrei com os entrevistadores. Uma sensação de leveza e bem-estar me acompanha nas minhas entradas e saídas da instituição até hoje. A execução do projeto apresentado me parecia engenhosa, e foi, só que de uma forma surpreendente: a engenharia era relacional. O projeto me colocou em contato com o mundo da escola pública do Rio de Janeiro e me deu a oportunidade de conhecer desde a perspectiva do porteiro, dos funcionários administrativos, merendeiras, professores, alunos, até chegar à direção. Um vasto universo se abriu e eu dele me aproximei com fome e sede de desvendá-lo.

A arte do encontro foi a matéria em que tive que me aprofundar sem medo do outro ou de suas expectativas. O projeto também me ajudou a esclarecer, dentro e fora de mim, o que era a construção de uma cultura de paz na escola. Ela começava na relação que seria construída em cada escola, única e particular, onde eu também era parte integrante: a parte que sente saudade do aluno que some das reuniões, a parte que leva os princípios dos círculos, que se frustra quando não encontra os alunos do Núcleo da escola, a parte que aprende a diferença entre "zoação" e violência. Logo os alunos me ensinaram: "Se eu rio com o outro é dez, se eu rio do outro, aí não".

Estar com o outro e conhecê-lo, chamá-lo pelo nome, passar o bastão para ele e ouvi-lo era o grande aprendizado comunitário. O círculo me ensinou de forma simples o que era se aproximar, pedir ajuda, abrir mão da onipotência, reconhecer minha ignorância sobre o outro e deixar que ele se expressasse livremente. Os jovens me ensinaram a ser sincera e perceber os meus limites e os deles.

Para falar de paz, descobri que temos que entrar em contato com os conflitos que cada parte da escola trava a cada dia dentro de si, na sua casa, na comunidade onde vive. E estar disposto a "conhecer" (da origem latina "nascer com o outro"), estar lá junto para poder ouvir sobre a necessidade de maquiagem das meninas de Jacarepaguá para a ida à escola, a letra do funk presente no recreio, a excitação causada pelo cheiro da comida do refeitório, as brigas na porta ou na praça em frente à escola, o olhar alerta do agente educador, a movimentação permanente da direção da escola. Ao me aproximar, revi meus valores e minhas crenças e pude experimentar o desafio de acolher a diferença e conviver com ela.

Convivi com inúmeros desafios: ver e me sentir impotente diante da depredação da escola; perceber os professores solitários diante do trabalho hercúleo de ensinar quarenta alunos carentes de atenção, de consciência de valores; pedir concentração a adolescentes dispersos pela inundação de hormônios inerentes à sua fase. Dentre tantos desafios, o que mais me inquietou foi a dificuldade de escuta, de capacidade de transformação, as ideias rígidas e fechadas para a construção do novo, principalmente por parte dos adultos. A expectativa incompatível com a possibilidade de resposta do contexto e a descrença na capacidade de renovação da vida foram os obstáculos mais áridos deste grupo. Porém percebi que as ferramentas do projeto trouxeram a auto-regulação necessária para que a descrença do outro não se tornasse a minha, pois ao sentar em círculo todos podíamos ser humanos e acolher as nossas falhas e contradições, abrindo-nos, a exemplo do jovem, à postura do aprendiz, que se forma e transforma, que não se escraviza a uma identidade fechada.

Entre todas as "frases pedagógicas" que vi nos murais das escolas a que mais me marcou foi: "O homem é do tamanho de seu sonho". Tenho a sensação de que a vivi visceralmente, sobretudo quando, ao dar forma à ideologia do projeto, pudemos em equipe concretizar vários ideais e perceber os recursos necessários ao seu sustento — como a periodicidade no acompanhamento à escola, o investimento de energia física e mental na organização e produção dos vídeos com os jovens, a cooperação mútua, pessoal e profissional, dentro da equipe para realização das oficinas, das mostras internas e da mostra geral para todas as escolas. Cada passo dado retroalimentou no meu corpo e minha mente a confiança necessária para motivar o desenvolvimento da qualidade da vida e de relação humana dentro e fora da escola.

Depoimento
Soraia Melo

No momento em que conheci o projeto eu estava realmente em um grande conflito de entender se eu deveria continuar trabalhando no Terceiro Setor ou voltar a me dedicar à comunicação e ao jornalismo. Andava decepcionada com a postura de alguns profissionais que atuavam com educação no Terceiro Setor, e me questionava sobre qual contribuição gostaria de oferecer enquanto profissional, e ao mesmo tempo pensava em qual espaço teria mais condições de aprender e me transformar em uma pessoa melhor.

Eu já atuava como educomunicadora e facilitadora de oficinas com jovens na rede pública de Educação havia quatro anos, entre Santos e Rio de Janeiro, e sabia o quanto me identificava com essa função. Em 2010, logo que cheguei ao Rio trabalhei em uma instituição parceira do CECIP, e foi assim que conheci brevemente Monica Mumme e o trabalho desenvolvido.

No dia da minha entrevista de seleção para o projeto, acordei cedo e passei a manhã entre livros e artigos sobre Justiça Restaurativa. Queria parecer bem preparada, já que optei por trabalhar com educação no Rio, e não somente entender como também viver o momento de pacificação de favelas e os inúmeros conflitos que esse tema engloba.

Minha leitura foi interrompida por uma ligação de São Paulo. Era minha mãe querendo saber se eu trabalhava em Realengo, se estava tudo bem comigo e dizendo para ligar a TV: acabava de ocorrer o massacre na escola Tasso da Silveira, no dia 7 de abril de 2011, em que 12 jovens foram assassinados por um ex-aluno. Foi uma manhã de muita reflexão, lágrimas e a decisão tomada de ficar no Rio e pensar a Educação para a Paz com uma equipe tão diversa e complementar. Apesar dos olhos inchados e repletos de emoção, fui selecionada e comecei a fazer parte da equipe de facilitadores do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos.

No primeiro mês de encontros e formação com a equipe tudo parecia muito abstrato, mas no fundo eu sempre tentava relacionar o que ouvia e lia com a melhor forma de adaptar e aplicar os conteúdos e vivências a uma metodologia criativa e dinâmica, a partir de minhas referências anteriores. Com o tempo, percebi que isso não era o suficiente.

Foi depois da formação sobre processos circulares com Kay Pranis que tudo de fato passou a fazer sentido. Naquele momento, em círculo, com o "bastão de fala" na mão ou o vendo passar entre meus colegas, compartilhando sentimentos e histórias, percebi que não há nada tão intenso e transformador como aprender a se conectar com o outro, por meio da humanidade, da verdade que cada um tem e divide por meio de seus valores, sonhos e fraquezas. Quando alguém chorava ou contava uma história muito pessoal, eu tinha o desejo de chorar também. Aprendi que escutar é, muitas vezes, muito mais interessante e libertador do que falar e que não há ninguém que possa ter controle absoluto sobre o outro. Há uma força no círculo, ela está viva e por isso não possui um dono — pertence a todos.

O cansaço de cruzar a Avenida Brasil e gastar de duas a três horas para chegar em uma escola no bairro de Santa Cruz era sempre compensado pelo cuidado e afeto da acolhida de professores e alunos. Muitas vezes me questionei sobre a força de um grão de areia num deserto tão grande, pois assim me senti diante de tantos desafios que a escola enfrenta. O que me confortava era ter a liberdade de compartilhar esse sentimento e receber como retorno o reconhecimento do hoje, da transformação do um, de pequenas mudanças que transformaram a forma de ver e agir de parceiros nessa jornada, como os alunos e professores que abraçaram verdadeiramente o projeto e encontraram nele a oportunidade de construir minimamente uma outra convivência, mais cuidadosa.

Os círculos e encontros de formação ajudaram a me rever como educadora, me deram a liberdade de não lutar pelo controle, me ensinaram a aprender, a exercitar a escuta e a reconhecer o melhor do outro. Tudo isso me surpreendeu, e cada vivência obtida já não tinha mais um lugar específico para ser aplicada. Não se tratava de conteúdo pedagógico, mas da oportunidade de transformação, de exercitar em casa, com a família que mora longe, com os amigos do trabalho e em cada espaço onde coloco os pés ou o coração.

Algumas perguntas

"No Direito Privado, tudo o que não é proibido é permitido" nos diz calmamente o advogado, especialista na matéria, e conclui: "Já no Direito Público, fica proibido tudo o que não é expressamente permitido".

Diante disso, como fortalecer o espaço para a mudança, a criatividade, a inovação? As estruturas têm uma tendência a enrijecer, a funcionar sempre do mesmo jeito, e demoramos a perceber que nem sempre produzem os resultados esperados. Como intervir? Como mudar?

Perguntar não ofende, é o dito popular:

Será que a violência que acontece na escola não pertence só a ela, mas tem raízes na estrutura vertical, hierárquica, autoritária da sociedade de que faz parte, do mundo em que vivemos? Como transformar isso no espaço escolar? Como incluir a rede de apoio à criança e ao adolescente, a sociedade, nesse diálogo?

Deveríamos, todos, examinar atentamente as propostas que se anunciam como mudanças, vindas de onde vierem (OGs, ONGs), para verificar se, verdadeiramente, promovem mudanças significativas?

Como potencializar as estatísticas produzidas e cuidadosamente divulgadas para que humanizem aqueles representados por elas?

A educação exige tempos que não podem ser medidos em períodos de mandatos, mas sim de gerações. Necessita de continuidade na direção certa. E quem determina que "direção certa" é essa?

A gestão pública é um complexo e difícil desafio de grande responsabilidade, em todos os seus níveis. Exige visão clara, conhecimentos específicos, determinação, liderança (a verdadeira, que inclui o diálogo) e capacidade de realização.

A escola em período integral, que agora ganha espaço, é uma ideia lançada por Anysio Teixeira e outros pedagogos, no início dos anos 30 do século passado. Voltou à tona com Darcy Ribeiro, na década de 80. O que hoje é apresentado como Educação Integral responde verdadeiramente às necessidades contemporâneas?

Se as pesquisas apontam para a importância do brincar livremente, de garantir tempo para a convivência na brincadeira, fundamental para desenvolver a criatividade, as habilidades de convivência, de negociação e de resolução de problemas – como a escola vai reagir a isso, com seus horários e suas grades curriculares cheias? Como incluir as contribuições das crianças e dos jovens na construção dessa nova escola?

Criticar é essencial. A questão é: como criticar construtivamente, apontando caminhos, mostrando o que não funciona, buscando constantemente o diálogo, pressupondo que todos queremos o melhor?

Pois é sobre essa estrutura que devemos agir para gerar o novo: abrindo espaços, mostrando o caminho, dizendo "sim, é possível! sim, nós somos capazes de fazer!".

Recursos existem. Não é verdade que, bem administrados, bem investidos, eles se multiplicarão?

Há experiências bem sucedidas que propõem alternativas, dentro e fora da sala de aula. O que falta, então, para que sejam melhor exploradas?

De repente, é tudo ao mesmo tempo, agora. A mudança começa com a consciência, o desejo e a determinação política de investir ainda mais na formação dos futuros professores e professoras?

A mudança que desejamos está em oferecer oportunidades de atualização aos professores, melhorando e recuperando sua capacidade de ensinar e aprender, agora de um novo jeito, com novos recursos, novas metodologias e tecnologias. São essas habilidades que tornam o professor mais necessário e importante do que nunca?

Essa mudança inclui a melhora das condições materiais que recuperam a motivação e a auto-estima dos que ensinam?

Para fazer tudo isso, é melhor ouvir? Dialogar?

Estamos vendo que a mudança está acontecendo, nos espaços que sempre existem para quem acredita que ela é possível.

Neste livro estão descritas ações, experiências e reflexões de um grupo de pessoas que deseja compartilhar o que viveu.

A experiência com centenas de jovens das Escolas Municipais do Rio de Janeiro mostra resultados concretos, que podem e devem ganhar escala, ser exemplo para que outras administrações, em outras cidades e estados, fiquem sabendo que é possível, sim, lidar com a questão dos conflitos e da violência nas escolas de outra maneira, com diálogo, com escuta, com respeito uns pelos outros.

Aqui se conta a história, se diz como foi, como fizemos. Descrevemos o trabalho determinado, constante, com garra e entusiasmo, com criatividade e bom humor, de quem teve de inventar, a cada instante, o que fazer em resposta a problemas e questões reais e concretas do dia a dia da escola. O resultado está aí, à disposição.

Este é o papel de uma organização como o CECIP: demonstrar que é possível, arriscando-se a gerar o novo, a abrir caminhos e questionar o que e como fazer para que essa experiência se transforme em política pública.

Vamos fazer juntos?

Parte 4

Para saber mais

Justiça Restaurativa no Brasil

Monica Mumme*

* Idealizadora do Núcleo de Educação para a Paz (NEP), do CECIP.

Desde 2005, o CECIP desenvolve trabalhos na área de resolução de conflitos e violência, com especial atenção à convivência nas instituições. O que se busca compreender é de que forma procedimentos de resolução de conflitos podem criar outra dinâmica nas relações. Como se pode experimentar, no dia a dia, a construção de um senso de justiça que norteie o estar junto, a convivência?

Na busca por respostas efetivas e coerentes, nasce o primeiro projeto baseado nos princípios da Justiça Restaurativa. A iniciativa pioneira pretendia refletir sobre as questões de conflito e violência nas escolas, apresentando alternativas viáveis para sua resolução, em parceria com atores fundamentais dos sistemas judiciário e educacional. O projeto recebeu o nome de *Justiça e Educação: parceria para cidadania*, e foi iniciado em São Caetano do Sul (SP).

A princípio, procedimentos restaurativos eram vistos como práticas restritas aos Tribunais de Justiça. Seria pertinente utilizá-los nas escolas? Os conflitos e a violência demandam respostas urgentes, e o ambiente escolar costuma reagir a essas situações de maneira punitiva e excludente. As pessoas foram convidadas a refletir sobre o significado do diálogo, da escuta ativa, da compreensão mútua e da responsabilização, estimuladas a experimentar novas maneiras de colocar em prática estes conceitos.

"Para falar de paz, descobri que temos que entrar em contato com os conflitos que cada parte da escola trava a cada dia dentro de si, na sua casa, na comunidade onde vive"

Simone Petitet, facilitadora

No Brasil, a Justiça Restaurativa foi introduzida formalmente em 2004, por meio do Ministério da Justiça, através de sua Secretaria da Reforma do Judiciário, que elaborou o projeto "Promovendo Práticas Restaurativas no Sistema de Justiça Brasileiro" e, juntamente com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), apoiou três projetos-piloto, sendo um deles na Vara da Infância e da Juventude da Comarca de São Caetano do Sul. Em 2006, o projeto expandiu sua atuação, implementando práticas restaurativas Heliópolis e Guarulhos, a partir da articulação entre órgãos da Educação e da Justiça.

Até aquele momento, o trabalho envolvia 12 escolas estaduais de Ensino Médio em São Caetano do Sul e 28 escolas públicas de Ensino Médio em Guarulhos. Capacitava educadores, agentes do Sistema de Justiça e da comunidade para implementarem círculos restaurativos em seus espaços de atuação.

O objetivo era ajudar a transformar escolas e comunidades marcadas pela violência em espaços de diálogo e resolução pacífica de conflitos. Unidades escolares, comunidades e Fóruns discutiram formas de ampliar os espaços democráticos de diálogo, de aprendizagem e de resolução de conflitos.

Cada projeto-piloto ganhou contornos próprios, em face das peculiaridades de cada Juízo e da localidade onde era implementado. Além disso, por se tratarem de "pilotos", permitiam-se a experimentação para construir modelos de Justiça Restaurativa adaptáveis à diversidade brasileira.

Em 2008, os cursos envolvendo Lideranças Educacionais e Facilitadores de Práticas Restaurativas foram certificados pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP), dando legitimidade à metodologia e aos conteúdos trabalhados.

Alguns resultados dessa primeira etapa dos projetos-piloto: foram realizados círculos restaurativos nas escolas, fóruns e nas comunidades; houve o fortalecimento das Redes de Apoio em Guarulhos e São Caetano do Sul e a criação da Rede de Apoio em Heliópolis; estabeleceu-se a articulação entre as Varas de Infância e Juventude e as Diretorias de Ensino das três regiões. Também foram elaborados materiais para a disseminação da experiência, incluindo duas publicações – uma delas com fichas de procedimentos para a realização de círculos restaurativos, um vídeo-registro e um CD-Rom.

Foram organizados eventos para a divulgação dos resultados obtidos, como o "Seminário Justiça e Educação: conquistas e desafios na parceria para a cidadania" (2005) e o "Fórum Justiça e Educação: parceria pela cidadania" (2007), que contou com a presença de 450 pessoas, entre representantes do poder público, instituições da Rede de Apoio e participantes do projeto. Este evento foi considerado um marco na articulação entre Educação e Justiça, para consolidar ações desenvolvidas nesse período.

Em 2009, iniciou-se um novo projeto, desta vez junto à Secretaria de Educação de São José dos Campos e à Vara da Infância e Juventude local. O trabalho envolve cerca de 140 pessoas – educadores e gestores de dez escolas da região, representantes dos Conselhos Tutelares e da Secretaria de Saúde, entre outros.

No Rio de Janeiro, com patrocínio da Petrobras, teve início em janeiro de 2011 o projeto **Jovens e seu Potencial Criativo na Resolução de Conflitos**, que visa contribuir para a ampliação da Cultura de Paz, buscando respostas efetivas a situações de conflito e violência no âmbito das escolas da rede municipal, envolvendo 900 participantes, entre jovens e professores.

"Aprendemos com a dura realidade institucional das escolas, extremamente hierarquizadas, onde o poder é exercido de forma vertical, o que é um reflexo das relações governamentais"

Ladisséa Silva, facilitadora

"O que fazer para tocar os alunos com o tema da resolução de conflitos? Como adequar esse lindo método à realidade desses meninos e meninas cariocas?"

Maria Mostafa, facilitadora

Parte 4

Construção da metodologia

Monica Mumme

No projeto no Rio de Janeiro, as ações foram divididas em três eixos:

1. Aprendizagem dos procedimentos por parte de facilitadores, para que pudessem realizar círculos restaurativos nas escolas, nos fóruns e nas comunidades.

2. Mudança educacional e institucional nas escolas e nas Varas da Infância e da Juventude. Havia resistências inerentes do processo, sobre as quais os agentes de mudança discutiam para rever atitudes e comportamentos enraizados na cultural institucional.

3. Criação e fortalecimento da Rede de Apoio, ou seja: articulação entre as entidades de atendimento aos direitos das crianças e adolescentes, para as quais seriam encaminhados os casos de conflito causado por falta de atendimento a direitos e necessidades básicos.

A partir deste desenho inicial, a proposta foi construída levando em consideração os desafios e as resistências naturais quando padrões são revisitados e comportamentos questionados.

Nas primeiras experiências, o foco principal foi o aprendizado dos círculos restaurativos. Acreditava-se que as mudanças se concretizariam a partir dos resultados obtidos nesta forma de resolução de conflitos e

violência. Depois de muitas reflexões e compartilhamento dos aprendizados, percebeu-se que nenhum dos eixos deveria ser privilegiado: a união e integração dos três é que traria resultados mais sustentáveis ao processo de mudança de paradigma.

Cada eixo incorporou as dimensões que estão implícitas quando um ato conflituoso ou violento é praticado.

O eixo de procedimentos restaurativos tem seu foco na dimensão relacional, que considera os afetados indiretos do conflito e assim abre espaço para que surjam questões essenciais sobre as relações sociais e a violência.

O eixo da mudança institucional permite compreender as conexões existentes entre o conflito ocorrido e o contexto onde está inserido. Relações conflituosas e violentas existem também nas instituições — com seus limites e estruturas que organizam a convivência. Nas escolas, por exemplo, os princípios e valores da Justiça Restaurativa podem influenciar o projeto político-pedagógico.

O eixo que articula a Rede de Garantia de Direitos considera a dimensão do contexto social maior, procurando estabelecer a justiça como parâmetro para as relações humanas e institucionais.

Ao atuar nesses três eixos, o projeto permite aos envolvidos experimentar, em diferentes níveis, o potencial criativo e inventivo que se pode ter diante do conflito.

Mudar as dinâmicas relacionais é incluir não apenas os desencontros, mas todas as formas de convivência. É preciso revisitar os combinados para se estar juntos, a forma como se tomam as decisões, as maneiras de se chegar ao consenso e o respeito ao dissenso.

Procedimentos restaurativos ajudam a resgatar as relações rompidas, estabelecer relações mais produtivas e saudáveis e obter o aprendizado de recursos internos para lidar com diferenças, frustações e pontos de vistas contrários, por meio do desenvolvimento de competências e habilidades.

Desencontros que geram encontros

A expressão mais legítima da Justiça Restaurativa se dá na convivência social. É na sociedade, na comunidade e nas instituições de convivência sistemática que se constroem as relações. Esta construção deve ser pautada em princípios e valores que possibilitem às pessoas aprenderem o que é justiça na prática. A partir da experimentação de procedimentos restaurativos, as pessoas conseguem, gradativamente, aprender recursos, habilidades e competências que as ajudam a avançar nas relações.

Está na essência dessa metodologia a busca pelo encontro entre pessoas que foram afetadas por uma situação de conflito ou violência. Que possam, a partir da expressão de seus sentimentos, necessidades e histórias, transformar vivências de dor em aprendizados. Assim constroem novas formas de se estar junto.

A Justiça Restaurativa contribui para a ampliação da Cultura de Paz, por convidar todos a se conectarem com formas pacíficas de se relacionar. Legitima a capacidade que todos têm de mudar atitudes e comportamentos violentos e escolher ações que construam Paz. Busca respostas efetivas a determinadas situações de conflito e violência, dando poder ao indivíduo, valorizando o diálogo, a responsabilização e o cumprimento dos direitos fundamentais de todos os envolvidos.

A proposta da Justiça Restaurativa recoloca a justiça como um valor e traz dimensões que podem criar ações de reequilíbrio social, onde as

"Percebi que não há nada tão intenso e transformador como aprender a se conectar com o outro, por meio da humanidade, da verdade que cada um tem e divide por meio de seus valores, sonhos e fraquezas"

Soraia Melo, facilitadora

“Descobri que é fácil mudar, difícil é acreditar que é fácil.”

Flavia Fassi Samel, coordenadora

necessidades de todos os envolvidos sejam concomitantemente atendidas – sem exclusão – e as consequências do ato ofensivo sejam defrontadas e trabalhadas. A busca da justiça como um processo transformativo, onde o aspecto jurídico se faça presente sem ignorar outras abordagens sobre a realidade, que contribuem para a ressignificação, por exemplo, das relações sociais e seus conflitos… Para responder às violações dos direitos humanos, à observação fragmentada da realidade, à realimentação do ciclo de desequilíbrio e a estigmatização de muitos que não têm acesso garantido aos seus direitos, emerge a ideia de se instituir a via restaurativa como um caminho que produz justiça e que busca alternativas na resolução de conflitos de modo a viabilizar uma efetiva harmonização criativa e consciente do conflito.

(**Egberto de Almeida Penido**, Juiz da 1ª Vara Especial da Infância e da Juventude de São Paulo)

A base ética que sustenta a Justiça Restaurativa orienta-se pelos seguintes princípios:

- Horizontalidade entre os envolvidos;
- Cooperação voluntária no processo;
- Reconhecimento da humanidade de todos;
- Reconhecimento dos anseios dos envolvidos por valores que todos têm em comum;
- Respeito pelas fortes emoções experimentadas em situação de conflito e violência;
- Empatia para com os valores desconsiderados por uma transgressão;
- Responsabilidade de todos pelas futuras consequências de transgressões;
- Restauração do valor simbólico e real do que foi perdido ou quebrado.

E envolve os seguintes valores:

- Empoderamento;
- Participação;
- Autonomia;
- Respeito;
- Busca de sentido e de pertencimento;
- Responsabilização pelos danos causados;
- Satisfação das necessidades emergidas a partir da situação de conflito.

Processos circulares

O processo circular é um encontro de pessoas dispostas a usar sua criatividade para inventar novas formas de relação — parcerias solidárias, respeitosas e verdadeiras.

Todo círculo tem um **guardião**, que convida os participantes a criarem um ambiente seguro para falar das coisas mais difíceis e tem o papel de relembrar o motivo de estarem ali, sempre que necessário.

Ele combina com o grupo formas de garantir que todos possam ter espaço para se manifestar e condições de encontrar solução para seus problemas. Apresenta o **bastão de fala**, um objeto que vai passando de um a um. Quem está com esse objeto tem direito de falar. E o convite é que os demais participantes do círculo ouçam. Só fala quem quiser. Caso não queira, é só passar adiante o bastão de fala. O guardião é o único que pode interromper a dinâmica, por ser quem relembra os acordos feitos e quem zela para que o espaço seja acolhedor. Ele estimula a reflexão do grupo por meio de perguntas.

Não é papel do guardião conduzir o grupo para tomar nenhuma decisão. São feitas rodas e em cada uma delas o guardião faz perguntas para que todos possam contar e ouvir as histórias, os sentimentos e as necessidades dos participantes.

O círculo acaba quando as pessoas estão prontas para planejarem ações que vão mudar suas relações dali por diante. O que aconteceu já foi, e não tem volta. Mas quando nos conectamos com a nossa humanidade e a do outro, quando percebemos que todos sentem raiva, alegria, tristeza, felicidade, irritação, cada um do seu jeito e por motivos diferentes, conseguimos desatar os nós com mais facilidade.

Esses sentimentos, que são comuns a todos, podem nos separar ou nos unir. Sentados em círculo, conseguimos entender melhor o que é dito e enxergar de outra forma aquilo que provocou o conflito. Conviver se torna mais possível.

Quando um grupo se compromete com uma mudança, cada um vê a sua responsabilidade e oferece algo para contribuir na transformação daquilo que incomoda a todos. E assim alcançamos, pelo menos naquela situação, a Paz.

A Paz é viva, dinâmica, cheia de desafios. Portanto, ela pode ser abalada de repente. Isto faz parte de nossa humanidade. Quando acontece, faz-se novamente o círculo.

“Um saber escutar o outro. Você fala eu te escuto, eu falo você me escuta.”

Depoimento de aluno

“Há uma força no círculo, ela está viva e por isso não possui um dono — pertence a todos.”

Soraia Melo, facilitadora

E de círculo em círculo vamos aprendendo habilidades que nos ajudam a não mais nos envolvermos em tantas brigas e confusões.

Começamos a esperar o outro falar, a ter mais atenção nas palavras ditas, a expressar nossas opiniões com mais coragem, a fazer perguntas que acolhem, e não aquelas que provocam irritação. Vamos tirando da cabeça aquilo que sempre nos ensinaram e dando mais atenção ao coração, ao sentimento.

Conviver em paz é um aprendizado constante.

Educação para a Paz

Oportunidade de transformação — estas três palavras resumem o que significa um conflito, sob a ótica da Justiça Restaurativa.

O conflito convida pessoas a fazerem um mergulho em suas questões mais íntimas, ou seja, em sua humanidade. Encoraja a investigar os sentimentos e a compreender o que é necessário para que as relações possam seguir com mais significado tanto nas perspectivas individuais como na social.

A escola é um espaço privilegiado para se aprender a conviver e estabelecer vínculos. Portanto, é um espaço privilegiado para a prática da Justiça Restaurativa. Mudando os paradigmas que orientam a forma de lidar com conflitos, a escola pode se transformar, gradativamente, em um ambiente mais seguro, que evita a exclusão dos diferentes e respeita os processos individuais e coletivos característicos do seu cotidiano.

Um passo fundamental na desconstrução de uma cultura violenta é colocar em prática uma forma de ensinar e aprender pautada na escuta...

Resolver conflitos e situações de violência é mais do que aprender um repertório de práticas. Gestores, professores, alunos, funcionários e familiares precisam pensar sobre a maneira como lidam com punição e recompensa, de modo a acolher esta outra forma de resolver conflitos, desenvolvendo uma educação que leve em conta os sentimentos e necessidades de todos os envolvidos.

Um passo fundamental na desconstrução de uma cultura violenta é colocar em prática uma forma de ensinar e aprender pautada na escuta, no diálogo, na participação e na responsabilização, trabalhando temas próximos da realidade e da demanda de cada grupo.

Casos de indisciplina e comportamentos inadequados não devem ser enfrentados com mecanismos de controle e exclusão. A Justiça Restaurativa convida os gestores escolares a resolver essas questões sem judicializar os conflitos.

Como disse Paulo Freire, educar é, acima de tudo, um ato político. Se é função da escola formar pessoas responsáveis e conscientes de suas atitudes, que aprendem a se responsabilizar, a refletir sobre suas escolhas, a pensar nas consequências dos seus atos, isso deve ser conteúdo de sala de aula, algo que se ensina na prática. Se é função da escola respeitar as diferenças, ela deve incentivar a escuta e a livre expressão, formando pessoas que sabem dizer o que pensam e conseguem ouvir pessoas que pensam de outra forma.

É premente criar espaços de participação de todos os envolvidos na rotina escolar, garantindo voz e vez para que se promova a educação como prática de liberdade e responsabilidade. Para isso, é preciso abandonar tradições autoritárias e hierárquicas, adotando uma lógica de poder compartilhado no processo de construção das relações.

Não há respostas prontas. A solução, em cada caso, será inédita e específica para o conflito ou violência em questão. Mas todas têm um ponto em comum: surgem do encontro entre as pessoas. Os próprios envolvidos aprendem a resolver seus conflitos, e portanto impedir a violência.

O que se procura, afinal?

Uma educação voltada para as pessoas e suas necessidades, que contribua para o aprendizado de habilidades e competência para uma convivência pacífica. Uma educação que convide cada um a acessar seus recursos internos na produção da paz e da harmonia nas relações.

"Ser e conviver" — como escreveu Edgar Morin, este é um dos saberes necessários à educação do futuro.

A Educação para a Paz aceita os conflitos como parte integrante das pessoas e de suas relações. Propõe uma visita a todos os paradigmas que engessam a convivência. Coloca todos como responsáveis. Educa pessoas para, de forma consciente, escolherem produzir um ambiente de acolhimento, seguro e onde todos compartilham seus sentimentos e necessidades, aprendendo, na prática, a resolver conflitos e impedir a violência. "Ser e conviver" — como escreveu Edgar Morin, este é um dos saberes necessários à educação do futuro.

Aprender é um processo vivo, que possibilita desorganizar pensamentos e sentimentos muitas vezes enraizados na prática do dia-a-dia, para que, a partir do exercício de fazer diferente, surjam outras formas de agir e pensar sobre os conteúdos trabalhados. É um processo circular, onde cada um entra na "roda" com algo que lhe é muito precioso — crenças, valores, saberes, informações, teorias — e ao compartilhar cria a oportunidade de produzir novos conhecimentos e gestar novos aprendizados.

O programa Justiça Restaurativa e Educação tem como propósito implementar, no Projeto Político-Pedagógico das escolas, elementos que corroborem a transformação efetiva do ambiente de convivência e suas relações. Para tanto, convida todos a seguir um plano, considerando a competência, autonomia e pertencimento dos participantes. O plano se divide em quatro níveis:

1. Incluir os conteúdos Conflitos e Violência na proposta pedagógica;

2. Criar um Núcleo de estudos e práticas sobre resolução de conflitos e violência, que reforce a importância da Cultura da Paz e estimule ações e atividades sobre este assunto;

3. Eleger os princípios da Justiça Restaurativa e Educação para a Paz como conteúdos transversais, que possam ser incluídos nas disciplinas da escola;

4. Elaborar um programa multidisciplinar que incorpore à prática educativa teorias e atividades sobre um dos pilares da Educação para o século XXI: aprender a conviver.

As respostas que a Educação dá aos conflitos e à violência devem ser pedagógicas. Isto acontece na sala de aula, na prática educativa, no trabalho em Rede e, principalmente, em mudanças institucionais.

Estamos falando de pessoas, sentimentos e necessidades não atendidos. Estamos falando da vida, suas alegrias e dores. No momento em que a violência aumenta no ambiente escolar, é hora de se buscar, com maior intensidade, restaurar ou implementar um ambiente de acolhimento e generosidade. Só assim será possível (re)estabelecer a autoridade e o limite. São atos de humanidade, pautados na Justiça Restaurativa e na Educação para a Paz.

Um resumo das conquistas, até agora

Nos projetos desenvolvidos pelo CECIP no âmbito da Justiça Restaurativa e Educação para a Paz desde 2005, aproximadamente 1.300 pessoas foram capacitadas diretamente, entre gestores, professores, jovens, familiares, juízes, promotores, defensores, técnicos do Judiciário, lideranças comunitárias e participantes da Rede de Garantia de Direitos a crianças e adolescentes. Indiretamente, foram beneficiadas 102 escolas — com aproximadamente 1.000 alunos cada — e suas comunidades. Os conteúdos trabalhados foram sistematizados em publicações e vídeos além de diversos artigos e da divulgação do trabalho pela mídia. O principal resultado tem sido a mudança de comportamento diante do conflito e a inclusão de uma prática preventiva em relação à violência no ambiente escolar. Entre os participantes, dissemina-se uma postura mais humana diante dos outros, e de si próprios.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana** – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CECCON, Claudia [et al.]. **Conflitos na escola: Modos de transformar.** São Paulo: CECIP/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 2001.

EDNIR, Madza [et al.]. **Justiça restaurativa e comunitária em São Caetano do Sul.** São Paulo: CECIP/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2008.

EDNIR, Madza [et al.]. **Justiça e Educação em Heliópolis e Guarulhos: uma parceria para a cidadania.** São Paulo: CECIP/ SEE-SP/ Tribunal de Justiça, 2007.

EDNIR, Mazda [et al.]. **Mestres da mudança: liderar escolas com a cabeça e o coração – um guia para gestores escolares.** Porto Alegre: CECIP/ Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1999.

JARES R, Xesús. **Educar para a paz em tempos difíceis.** São Paulo: Palas Athena, 2004.

PRANIS, Kay. **Processos Circulares.** São Paulo: Palas Athena, 2010.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Agora, 2003.

SOARES, Luiz Eduardo. **Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça restaurativa.** São Paulo: Palas Athena, 1990.

Faz parte desta publicação um CD afixado à capa.

Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra.

Sob as seguintes condições:

- **Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.
- **Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- **Vedada a Criação de Obras Derivadas.** Você não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.
- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que você obtenha permissão do autor.
- Nada nesta licença prejudica ou restringe os direitos morais dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

S187p

Samel, Flavia Fassi

Paz em movimento: trajetória do projeto Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos em Escolas Municipais do Rio de Janeiro/Flavia Fassi Samel (organizadora) Claudia Ceccon, Flavia Fassi Samel, Ladisséa Silva, Maria Mostafa, Monica Mumme, Patricia Munçone, Rafaela Pacola, Simone Petitet e Soraia Melo (colaboradores), Claudius Ceccon (Ilustrador)--Rio de Janeiro : CECIP, 2013.

Kb ; PDF

ISBN: 978-85-99946-10-7

1. Educação 2. Justiça 3. Restaurativa 4. Resolução de Conflitos 5. Cultura de Paz I Flavia Fassi Samel (organizadora) II Claudius Ceccon Ilustrador III Título

CDU 372

Ficha catalográfica elaborada por Hilda Maria Fiúza Abras – 1182/10

Esta publicação foi composta nas tipologias Times New Roman corpo 11, entrelinha 13,2 para texto e Rockwell, corpo 34, para títulos.

Rio de Janeiro – Fevereiro de 2013.

Você insiste em ter razão ou em chegar a um entendimento?

Qual é a diferença entre conflito e violência?

Entre questionamentos, experiências práticas e aprendizados, você é nosso convidado para acompanhar alguns dos caminhos percorridos pelo projeto **Jovens e seu potencial criativo na resolução de conflitos**.

O objetivo foi promover a Cultura de Paz em 50 escolas municipais do Rio de Janeiro, entre 2011 e 2012.

A formação dos jovens agentes da paz, depoimentos de alunos e educadores, a metodologia do processo circular e as primeiras conquistas em direção à melhoria da convivência na escola... estas são algumas das histórias e reflexões desta **Paz em movimento**.

Faça parte dela!

Dialogar não evita o conflito, mas impede a violência.

Realização

CECIP

Apoio

RIO

Patrocínio

PROGRAMA PETROBRAS DESENVOLVIMENTO & CIDADANIA

BR PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA